



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

**CURRÍCULO E IDENTIDADES
NA EJADOLESCENTE**

LIEGE TEIXEIRA

**Porto Alegre
Dezembro 2011**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

**CURRÍCULO E IDENTIDADES
NA EJADOLESCENTE**

Liége Teixeira

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade.

Orientadora: Profa. Dra. Dóris Maria Luzzardi Fiss

**Porto Alegre
Dezembro 2011**

AGRADECIMENTOS

À Prof^a Dr^a. Dóris por sua sabedoria, carinho e palavras de incentivo durante esta construção.

Aos professores da Rede Municipal de Ensino de Esteio que contribuíram, respondendo as entrevistas.

Aos alunos e alunas da Educação de Jovens e Adultos de Esteio que, com seus depoimentos, humanizaram esta pesquisa.

O impossível é aquilo que ninguém teve coragem de realizar.

Autor desconhecido

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema o currículo para adolescentes que freqüentam a Educação de Jovens e Adultos a partir de um cotidiano composto por jovens que, muitas vezes, vivem sem perspectiva, sem projeto de vida ou sem saber o que querem e para onde irão. A partir de minha vivência como professora da Modalidade EJA na Rede Municipal de Educação de Esteio, inquietou-me acompanhar a dificuldade de muitos jovens em se manterem na escola para concluir o seu Ensino Fundamental, visto que estes já haviam passado pela escola anteriormente. Uma das possibilidades para isto é a organização curricular estruturada para estes jovens que retornam à escola com urgências próprias. A intenção foi, através de pesquisa do tipo participante, com o uso de entrevista semi-estruturada junto a alunos, professores e equipes diretivas de 4 instituições, identificar o que estes sujeitos, que vivem a EJA, pensam sobre esta modalidade a partir do currículo considerando: a visão do aluno e do professor sobre a EJA, as contribuições da EJA para o aluno, os motivos de permanência e afastamento da EJA dos alunos, as características dos jovens identificadas pelos seus professores e as razões pelas quais os docentes atuam nesta modalidade. Todas estas questões foram analisadas para verificar em que medida estas visões, entendimentos, percepções e concepções são utilizadas como elementos constitutivos de um currículo coerente com a EJAdolescente e dialogadas com o contexto destes jovens de modo a instrumentalizá-los e humanizá-los suficientemente para atuarem em suas realidades. Para isto, busquei subsídios em Moreira que discute a relação entre currículo, cultura e sociedade, Carrano, Martins e Dayrell que discutem a juvenilização na EJA, Brandão que aborda a pesquisa participante, além de outros autores que contribuíram no que se refere aos aspectos legais e históricos na EJA.

Palavras-chave: EJAdolescente. Currículo. Identidades Docentes e Discentes.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
2	A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E O CURRÍCULO.....	11
2.1	Breve histórico da Educação de Jovens e Adultos no Brasil...	11
2.2	Surgimento do currículo.....	14
2.2.1	O currículo escolar: aspectos históricos e constitutivos.....	14
2.2.2	O currículo escolar no Brasil.....	18
2.2.3	O currículo escolar no Brasil para a Educação de Jovens e Adultos: aspectos legais.....	20
2.2.4	O currículo na Educação de Jovens e Adultos no Rio Grande do Sul.....	23
2.2.5	A Educação de Jovens e Adultos em Esteio: história e currículo.....	24
3	A JUVENILIZAÇÃO NO ENSINO NOTURNO.....	30
4	DOCENTES E DISCENTES NA EJA: DIÁLOGOS E DESEJOS QUE SE CRUZAM.....	35
4.1	A pesquisa participante como instrumento de escuta e descobertas.....	35
4.2	..	
4.2	Análises das entrevistas: O que os alunos e alunas nos disseram?.....	39
4.2.1	Por que vim estudar na EJA?.....	39
4.2.2	O que mantém o aluno na EJA?.....	41
4.2.3	O que afasta o aluno da EJA?.....	42
4.2.4	No que a EJA contribui para a vida do educando?.....	43
4.3	Análise das entrevistas: O que os professores e professoras disseram?.....	44
4.3.1	Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a a escola?.....	45
4.3.2	Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto permanecerem na escola?.....	46
4.3.3	O que afasta o jovem e o adulto da escola?.....	47
4.3.4	Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e para o adulto que a freqüenta?.....	48
4.3.5	Por que tu trabalhas na EJA?.....	50
4.3.6	Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual trabalhas?.....	51
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
	REFERÊNCIAS.....	56
	ANEXOS.....	58
	ANEXO I: CARTA DE APRESENTAÇÃO.....	59

ANEXO II: TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO.....	60
ANEXO III: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO.....	61
APÊNDICES.....	62
APÊNDICE I: PRODUÇÃO DAS ESCOLAS	63
APÊNDICE II: ENTREVISTAS COM PROFESSORES	83

1. INTRODUÇÃO

A juvenilização da população que frequenta a Educação de Jovens e Adultos é crescente a cada ano. Hoje, já é possível falar num segmento da Educação de Jovens e Adultos que compreende a Educação de Adolescentes de modo mais específico em função das singularidades deste grupo etário e, também, porque eles são maioria a ocupar os espaços nas escolas que oferecem esta modalidade de ensino. Com isto, as relações, os saberes, os conflitos, a ordem e as expectativas se transformam. Desta forma, a escola precisa urgentemente olhar para este novo público adolescente e rever conceitos que estão cristalizados, principalmente, sobre o que ensinar e para que se está ensinando.

A pesquisa que apresento tem como tema o currículo para os adolescentes que chegam no ensino noturno. Não é possível esquecer que estes jovens estiveram, alguns por muito tempo, no ensino regular, outros o abandonaram por inúmeras causas, mas retornam também por diferentes motivos e, quando chegam na escola com urgências que até então não tinham, com responsabilidades que desconheciam, com pressões familiares e sociais, com a precocidade diante de uma gravidez não planejada, o que encontram como currículo? O que eles vêm buscar? Neste momento, a equipe que conduz o grupo docente precisa entender que a educação à noite,¹ na amplitude deste conceito, não pode ser uma reprodução de uma escola alheia à vida. É necessário pensar sobre o que de fato a escola precisa ensinar a estes jovens para que se sintam suficientemente instrumentalizados para alçar seus vôos. Qual é o currículo para o aluno adolescente na visão do próprio aluno? Qual é o currículo para o aluno adolescente na visão do professor de adolescentes? Qual é o currículo que permitirá a estes jovens ampliar sua visão de mundo, fazer valer seus direitos, sendo também responsáveis por seus deveres, não reproduzindo a história daqueles que os antecederam?

A partir de minha experiência como professora na EJA, dos diálogos nas salas dos professores e em reuniões pedagógicas que presenciei, dos espaços

1 Refiro-me na educação à noite, porque a pesquisa foi realizada somente com alunos e professores da EJA do período noturno, apesar de termos, também, turmas de EJA durante o dia.

de formação provocadores de grandes discussões acerca de variados temas, sempre percebi que pouco se fez para, de fato, limpar do currículo conteúdos irrelevantes e agregar tantos outros que poderiam ser o diferencial para estes jovens que levam, muitas vezes, mais de quinze anos para concluir o Ensino Fundamental. Mas sempre me pergunto sobre o que impede tal movimento. Que engessamento é este que vive a EJA? E que EJA é esta em que os professores não se permitem reorganizar o currículo e deixar de ensinar da mesma forma que ensinam nas outras modalidades? O que impede perceber que, se estes jovens estão no ensino noturno, é porque já vivenciaram uma organização curricular e metodológica no diurno que não atenderam suas necessidades?

Diante disto, elenquei algumas hipóteses que foram investigadas neste estudo: a formação deste professor foi ineficiente e este não recebe formação continuada; o professor assumiu esta profissão porque não tinha outra opção; o sistema educacional não permite que as mudanças necessárias no currículo sejam feitas; a desvalorização do ser professor é responsável pela falta de motivação para pensar e fazer algo novo; a EJA é uma complementação de renda para estes professores que já têm uma jornada completa durante o dia; os alunos não querem aprender; os professores acreditam exageradamente em suas convicções e certezas, as tomando como absolutas.

Este estudo teve por finalidade investigar o currículo na EJA, sendo ele um possível elemento para que os alunos não permaneçam na escola até concluir o ensino fundamental. Com os resultados deste trabalho, pretende-se desenvolver um projeto-piloto em uma comunidade, onde não há escolas que ofereçam esta modalidade, com uma nova organização curricular, possibilitando aos jovens tornarem-se agentes de mudança em seus cotidianos, e à escola, uma referência positiva na construção do saber coletivo.

Para isto, foi necessário fazer uma passagem histórica sobre o currículo na EJA: Brasil, Rio Grande do Sul e Esteio, e discutir sobre a identidade dos professores que atuam na EJA de Esteio (quem são, formação, outros espaços de atuação, como se constituíram professores, por que são professores da EJA, o que pensam sobre a EJA). Para tanto, busquei subsídios em Juarez Tarcisio Dayrell, Carlos Henrique dos Santos Martins, Paulo Cesar Rodrigues

Carrano, Antonio Flávio Moreira, Tomaz Tadeu da Silva, Carlos Rodrigues Brandão, Benedito Gonçalves Eugênio, Sita Mara Lopes Sant'Anna e Jamil Cury.

A metodologia de pesquisa foi do tipo participante com o uso de entrevista semi-estruturada junto aos professores, alunos e equipes diretivas.

2. A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL E O CURRÍCULO

2.1 BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO BRASIL

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) passou a ocupar lugar na história do Brasil a partir da década 30, quando a oferta de ensino público primário, gratuito e obrigatório se torna direito de todos, mas não para todos.

Neste período, as transformações na sociedade brasileira emergiam devido aos processos de industrialização e, com isso, ao aumento de concentração da população nos centros urbanos. Com esta significativa mudança de cenário e interesses políticos nestes sujeitos que chegavam às cidades, o governo federal passa a impulsionar ações para estados e municípios com o objetivo de ampliar o ensino voltado aos adultos. Tal movimento trazia consigo aspectos importantes: o fim da ditadura de Vargas em 1945 e a recém-terminada Segunda Guerra Mundial onde a ONU (Organização das Nações Unidas) erguia a bandeira da democracia e paz entre os povos. Com isto, no Brasil, a Educação de Adultos passava a ser estratégica, visto que, com a nova democracia, as bases eleitorais se ampliariam, a manutenção do governo central aconteceria e a produção econômica seria alavancada.

Em 1947, sob a direção do professor Lourenço Filho, acontece a Campanha de Educação de Adultos a qual pretendia, através de ações de grande massa no meio rural, a alfabetização de adultos em três meses e a condensação do curso primário em dois períodos de sete meses. Na sequência, se desenvolveriam capacitação profissional, desenvolvimento comunitário e criação de várias escolas supletivas, envolvendo, inclusive, mobilização de esforços de voluntários para esta causa.

Neste período, cresceram as discussões teórico-pedagógicas sobre o analfabetismo e a Educação de Adultos no Brasil. O analfabetismo foi entendido como causa da difícil situação econômica e social do país, não o contrário. Ou seja, a existência de tantos analfabetos não foi associada às inadequadas condições oferecidas a estes cidadãos que, na verdade, não eram vistos como tal, pois eram considerados insuficientes, improdutivos,

incapazes de resolver seus problemas. Mas, ainda no período da Campanha, existiam aqueles que superavam o preconceito posto a este adulto analfabeto, reconhecendo-o como um ser produtivo e capaz de raciocinar. Dessa forma, o Ministério da Educação produz um material didático específico para o ensino da leitura e da escrita para adultos com o método silábico e o distribui para as escolas supletivas do país.

Na década de 50, iniciou-se o declínio desta campanha, a qual não teve mais o mesmo sucesso nas zonas rurais, mas manteve-se o ensino supletivo que foi assumido pelos estados e municípios. Apontavam-se as deficiências administrativas, financeiras e orientação pedagógica. Denunciava-se o caráter superficial da alfabetização oferecida em tão curto espaço de tempo e passou-se a discutir a inadequação metodológica para a população adulta.

Em 1961, surge o Movimento de Cultura Popular, depois os Centros de Cultura Popular da União Nacional dos Estudantes, movimentos da Igreja Católica e tantas outras iniciativas e movimentos que apontavam para uma nova visão sobre o problema do analfabetismo e para a consolidação de um novo modelo pedagógico para a Educação de Adultos cuja referência foi o educador pernambucano Paulo Freire.

Em 1963 foi aprovado o Plano Nacional de Alfabetização, que previa a disseminação por todo o Brasil de programas de alfabetização orientados pela proposta de Paulo Freire, a qual se baseava em um novo entendimento da problemática social. Antes apontado como causa da pobreza e da marginalização, o analfabetismo passou a ser compreendido como efeito da situação de pobreza gerada pelas desigualdades sociais. O processo educativo estaria, então, para interferir nesta estrutura que produzia o analfabetismo. A alfabetização e a educação de base dos adultos deveriam partir de uma análise crítica da realidade dos educandos, identificar as causas das problemáticas existentes e as formas de superação destas.

Mas, o golpe de 1964 interrompe a efetivação deste Plano Nacional, que estaria contrário à nova ordem estabelecida, e promove a expansão da Cruzada ABC, entre 1965 e 1967, a qual tem caráter assistencialista e conservador. Em 1967, o próprio governo assume as ações educativas e lança o MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização) como resposta à ainda

grave situação do analfabetismo no Brasil. Não faltavam recursos financeiros para subsidiar esta ação e a instalação das Comissões Municipais que executavam as atividades, mas que tinham a supervisão pedagógica e materiais didáticos centralizados para evitar qualquer aproximação com a proposta anterior que era problematizadora das questões sociais.

Durante a década de 70, o MOBRAL atingiu todo o território nacional. A iniciativa mais significativa foi o Programa de Alfabetização Integrada que possibilitava a continuidade de estudos para os recém-alfabetizados funcionais. Paralelamente, grupos dedicados à educação popular continuavam a realizar pequenas e isoladas ações de alfabetização de adultos com alternativas mais críticas conforme a proposta de Paulo Freire em oposição à ditadura militar.

Desacreditado nos meios políticos e educacionais em função do grande volume de recursos investidos e insuficiente e ineficiente retorno obtido, inclusive sob suspeita de adulteração de dados estatísticos, o MOBRAL foi extinto, em 1985, e substituído pela Fundação Educar, que tinha como finalidade específica a alfabetização. Esta não executou diretamente os programas, passando a apoiar financeiramente e tecnicamente as iniciativas de governos, entidades civis e empresas a ela conveniadas, sendo extinta em 1990, no governo Collor.

Os primeiros anos da década de 90 não foram favoráveis às políticas educacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Criou-se um vazio neste setor. Com isto, Estados e Municípios passaram a assumir a responsabilidade de oferecer programas nesta área, assim como organizações da sociedade civil, sendo que a oferta ainda é pequena diante da demanda. Enfim, a história da EJA chega à década de 90 com a necessidade de reformulações pedagógicas. O público que busca esta modalidade é constituído de adolescentes e adultos que tiveram passagens fracassadas pela escola e, entre eles, adolescentes que foram excluídos do sistema regular. Este quadro nos mostra o grande desafio pedagógico que está posto cotidianamente quando nos deparamos com estes sujeitos nas salas de aula. É necessário garantir a esse segmento da sociedade, o qual é marginalizado pelas suas condições socioeconômicas, acesso a cultura letrada que lhe amplie a visão de mundo, possibilite, principalmente aos jovens, o desejo perdido do ideal

político, da transformação social, para que eles atuem de forma mais ativa no mundo do trabalho, na política e na cultura.

2.2 SURGIMENTO DO CURRÍCULO

2.2.1 O currículo escolar: aspectos históricos e constitutivos

O currículo é um campo complexo. Faz-se necessário investigar os tempos históricos para compreender que as questões que perpassam o espaço escolar, e o currículo, estão relacionadas às lutas sociais, econômicas, políticas e ideológicas; não, isoladas delas. O movimento destes campos que constituem a sociedade reflete nos/nas sujeitos/instituições que estão propondo, articulando, organizando este currículo, conforme suas intenções, e diretamente naqueles sujeitos que recebem a teorização então planejada para seguir determinados modelos. Desta forma, se faz necessário conhecer historicamente o modo como se constituiu o currículo e para quem ele foi pensado e construído.

O termo currículo deriva-se da palavra *scurrerre* e refere-se à corrida, curso, ou seja, o curso a ser seguido, sequência linear para chegar a um fim. Segundo Goodson (apud Eugenio, 2004, p.59), é com a ascendência política do Calvinismo no século XVII que provém o conceito de currículo como sequência estruturada ou “disciplina”. A partir de então, currículo e controle se tornaram termos inseparáveis. O currículo, neste período, também adquire o poder de diferenciação social quando, na mesma escola, crianças tinham currículos diferentes. Conforme este autor, na Inglaterra, este processo iniciou de forma mais veemente, devido ao sistema industrial do século XIX, a partir do qual a fragmentação da família provocou a substituição do sistema de classes pelo sistema de salas de aula onde os alunos podiam ser mais controlados.

Nesta época, os filhos de famílias de boa renda tinham escolarização até os 18/19 anos de idade e seguiam um currículo clássico. Para os filhos dos pobres, o currículo tinha orientações que visavam a uma prática para a qual era suficiente, apenas, saber ler, escrever e fazer contas. Ou seja, por que motivos realizar qualquer exercício de pensamento se o objetivo era a braçal

produtividade para o enriquecimento de uma minoria intelectualizada que tem o poder? Conforme os interesses, as matérias escolares foram criadas e, com isto, a compartimentação do saber e a diferenciação destes currículos conforme a camada da população a quem se destinava.

O currículo, como objeto de estudos, surgirá nas primeiras décadas do século XX, nos Estados Unidos, devido às transformações provocadas pela industrialização e pelos movimentos migratórios. Neste período histórico de crescimento cujo modelo se perpetua até os dias atuais, acontece um processo de racionalização de resultados em que estes precisam ser medidos rigorosamente como acontece em processo fabril. Daí, a relação de semelhança entre os processos da escola e os processos de uma fábrica. Como escreveu Moreira (2009): “Em outras palavras, o propósito mais amplo desses especialistas parece ter sido planejar “cientificamente” as atividades pedagógicas e controlá-las de modo a evitar que o comportamento e o pensamento do aluno se desviassem de metas e padrões pré-definidos” (p. 9). Todo este processo de industrialização promove o surgimento desta nova sociedade em que a garantia de sucesso profissional estava ligada à comprovação de também sucesso na trajetória escolar.

A escola, com seu currículo que ensina crianças a como adotar comportamentos adequados e assumir crenças dignas, se torna um espaço de extrema relevância para a adaptação das novas gerações a esta também nova concepção de sociedade e às transformações econômicas, sociais e culturais que ocorriam na época. A partir de então, começam a surgir diversas abordagens e teorias curriculares que, desde o pensar sobre a natureza humana, conhecimento, cultura, sociedade, buscam discutir sobre o que e como ensinar. Começa a existir uma preocupação sobre o que vem a ser realmente o conhecimento transmitido através do currículo, sobre como e por que determinado conhecimento foi selecionado para ser ensinado e para quem ele se destina, ou seja, a solidificação, também na escola, das relações de poder as quais transitam por todos os espaços.

As diversas definições do termo currículo, nas teorias tradicionais, alternam-se entre a ênfase no compreender ou no ensinar, nos conteúdos ou nas habilidades para viver na sociedade, como é possível perceber na

definição de alguns teóricos. Bobbit (apud Eugenio, 2004, p. 61) compreende currículo como conjunto de habilidades que os alunos deveriam aprender para viver na sociedade. Taba (apud Eugenio, 2004, p. 61) propõe que o currículo inclui não apenas a seleção e a organização de objetivos e conteúdos, mas também as estratégias metodológicas e as prescrições de avaliação. Johnson (apud Eugenio, 2004, p. 61), desde a orientação tecnicista, tem uma posição diferente sobre a relação entre currículo e ensino, estabelecendo diferenças entre um termo e outro. Currículo refere-se ao que se pretende que os alunos aprendam e não ao que se pretende que eles façam. O currículo prescreve, antecipa os resultados do ensino, mas não os meios. Stenhouse (apud Eugenio, 2004, p. 61) atribui ao currículo o papel de propor intenções e modos operacionais. Definiu currículo como uma tentativa para comunicar os princípios e traços essenciais de um propósito educativo, de forma tal que permaneça aberto à discussão e possa ser levado efetivamente à prática.

Considero importante destacar que, mesmo neste momento histórico, em que o currículo foi posto como objeto para exercer o controle social, outras intenções e interesses estão articulados à construção de um currículo que valoriza os saberes dos alunos, mesmo mantendo como pano de fundo a ordem capitalista que se consolidava.

As teorias críticas mudam o foco. Em vez de proporem um currículo, como fizeram as teorias tradicionais, se preocuparam em analisar e discutir o que vem a ser o conhecimento transmitido através do currículo, quem o selecionou, como e por que foi selecionado de certa maneira. É justamente a questão do porquê que irá distinguir a abordagem curricular nestas duas teorias. Para a teoria crítica, o poder é uma categoria central para a análise do currículo. Todo o conhecimento trabalhado no currículo reflete relações de poder.

No final dos anos cinquenta, devido a alguns fracassos americanos, teve início um movimento para restaurar a perdida qualidade da escola. Houve todo um investimento através de recursos financeiros, reforma no currículo de algumas disciplinas (aquelas consideradas mais importantes), surgimento de novos programas, de materiais didáticos inovadores, treinamento para professores entre outras ações. Segundo Moreira (2009), “a intenção mais

ampla, subjacente aos esforços, era enfatizar a redescoberta, a investigação e o pensamento indutivo, a partir do estudo dos conteúdos que correspondiam às estruturas das diferentes disciplinas curriculares” (p. 13).

Mas, todo este investimento não teve o sucesso desejado devido a problemas sociais que assolavam o cotidiano dos americanos nos anos sessenta. Estes refletiram diretamente nas instituições educacionais as quais receberam críticas por não serem mais compreendidas como espaço de promoção social e que, mesmo para crianças de grupos dominantes, como diz Moreira (2009), “era tradicional, opressiva, castradora, violenta e irrelevante. Seria necessário transformá-la e democratizá-la ou então aboli-la e substituí-la por outro tipo de instituição” (p. 13).

Esta crise americana fez com que não se questionasse mais o capitalismo que consolidara e nem a função da escola nesta sociedade. Por isso, diversos autores, que desejam manter esta discussão e denunciar a reprodução social opressora exercida pela escola, passaram a buscar apoio em teorias sociais, desenvolvidas na Europa, para elaborar e justificar suas reflexões e propostas acerca das questões curriculares.

Em 1973, especialistas em currículo participaram de uma conferência para reconceituar o campo. Mesmo com todas as diferenças de concepção, o que os aproximava era a crítica que faziam ao currículo como instrumento de dominação e opressão de massas. Duas grandes correntes se formaram a partir desta conferência: uma fundamentada no neomarxismo e na teoria crítica, e outra associada à tradição humanista e hermenêutica. A partir deste momento, estas novas tendências redesenharam o campo do currículo e muito se avançou nesta discussão em que planejamento, avaliação, controles e procedimentos assumiram outro foco e foram reconceituados.

Dentre tais transformações, surge a Sociologia do Currículo que examina as relações entre currículo e estrutura social, currículo e cultura, currículo e poder, currículo e ideologia, currículo e controle social. Segundo Moreira (2009), a Sociologia do Currículo busca “entender a favor de quem o currículo trabalha e como fazê-lo trabalhar a favor dos grupos e classes oprimidas” (p. 16).

Neste mesmo período, sociólogos britânicos destinavam atenção para este tema, entendendo a Sociologia da Educação como a sociologia do currículo. Assim, este conjunto de novas concepções recebeu o nome de Nova Sociologia da Educação, que passou a compor o currículo da formação de professores e a partir do qual é possível compreender as relações entre os processos de seleção, distribuição, organização e ensino dos conteúdos curriculares e a estrutura de poder do contexto social.

2.2.2 O currículo escolar no Brasil

O Brasil dos séculos XVI e XVII, no que se refere à educação, era de domínio dos jesuítas com seus métodos e currículo baseados no *Ratio Studiorum*, o catecismo pedagógico. A educação oferecida resumia-se a aprender a ler, escrever e fazer contas, isto para os nobres, e a grande maioria recebia apenas o aprendizado da religião católica. Posteriormente à expulsão dos jesuítas, as tendências curriculares brasileiras eram caracterizadas por ênfase em disciplinas acadêmicas e divisão entre trabalho manual e intelectual.

Com o fim da primeira Guerra Mundial, um novo cenário se desenha devido à organização industrial no Brasil, que tem um índice de 85% de analfabetismo. A burguesia, então, percebe a necessidade de alfabetizar estes trabalhadores analfabetos não com a intenção de garantia de direitos a estes, e sim como forma de mudar o poder político e fazer crescer a economia em benefício próprio.

De acordo com Moreira (2009), um ensaio inicial de sistematização das questões curriculares surgiu, em nosso país, no início do século XX em algumas das reformas efetuadas na Bahia, Distrito Federal e Minas Gerais. O Brasil dos anos 1920 vivia as tensões e conflitos provocados pelos processos de urbanização e industrialização e pela chegada de imigrantes. É também neste período que as ideias pedagógicas progressistas de Dewey e Kilpatrick começam a encantar nossos educadores e teóricos.

Neste período, reformas educacionais organizadas por educadores identificados com a Escola Nova evidenciam uma preocupação com questões

curriculares. Como exemplo, a reforma promovida por Anísio Teixeira, na Bahia, que considerou as disciplinas escolares como instrumentos para o alcance de determinados fins, atribuindo-lhes o objetivo de capacitar os indivíduos a viver em sociedade. O currículo, mesmo centrado em disciplinas, foi proposto em harmonia com os interesses, necessidades e os estágios de desenvolvimento da criança. Na verdade, todas as reformas foram de grande relevância para a história educacional e do currículo no Brasil, porque existia, também, o desejo de uma reconstrução social. Mas, o que ficou de marcante após todos estes movimentos foi apenas a criação de novos métodos e técnicas, que executavam, de forma melhorada, o mesmo currículo que trazia em si a ascensão da burguesia.

Em 1938, foi criado o INEP e se destina um olhar mais apurado ao campo do currículo, pois cursos sobre o tema passaram a ser oferecidos e estudos sobre este passaram a se constituir de forma mais sistemática. A partir de 1944, a publicação da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos tornou-se um instrumento de discussão dos problemas educacionais e da difusão do pensamento curricular emergente. Ainda ancorados pelas ideias de Dewey e Kilpatrick, o INEP publicou o primeiro livro-texto brasileiro sobre currículo e ofereceu cursos e estudos específicos através do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais.

O campo do currículo sofreu influência de diversas tendências e enfoques, incluindo o Programa de Assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar, entre 1956 e 1964, que tinha por objetivo a melhoria do ensino elementar brasileiro também com enfoque tecnicista assim como os demais. Mas é a partir de 1970, com a contribuição de Paulo Freire, que se passa a olhar verdadeiramente para os trabalhadores e a pensar um currículo a partir da existência concreta destes sujeitos. Para Moreira (2009), a teoria de Freire representa o primeiro esforço, no Brasil, de focar conhecimento e currículo a partir de um interesse em educar sujeitos sociais para a emancipação.

Freire não desenvolveu uma teoria sobre o currículo, mas sua contribuição neste campo está na preocupação em encontrar alternativas para questões que são curriculares como a educação bancária, por exemplo. Ao discutir a educação como depósito e transferência de conhecimentos, ele está

problematizando a ação pedagógica e, com isto, provocando nos educadores a reflexão sobre por que ensinar determinado conceito. Com isto, o currículo é revisado sob a perspectiva do desvelamento da realidade a partir da qual há ampliação do pensar e evolução da visão de mundo de todos os envolvidos neste ato pedagógico.

2.2.3 O currículo escolar no Brasil para a Educação de Jovens e Adultos: aspectos legais

A LDB 9394/96 reconhece as particularidades do público que frequenta a EJA:

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (Artigo 37, parágrafo 1º).

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a EJA (Parecer CEB Nº 11/2000, Cury) constituem um instrumento valioso para os profissionais envolvidos com essa modalidade de ensino, pois nelas são destacadas as funções atribuídas à EJA. Funções que reconfiguram o currículo para esta modalidade e devem integrar as discussões em torno da proposta pedagógica para estes sujeitos de direito.

A primeira função é a reparadora, ou seja, a restauração do direito de todos a uma educação e a uma escola de qualidade, reconhecendo os grupos sociais que não tiveram, historicamente, acesso à educação escolar. O parecer destaca as consequências materiais e simbólicas resultantes da negação deste direito fundamental e, também, o quanto o acesso ao saber construído na escola é importante para ajudar a reduzir as consequências das desigualdades sociais, além de exigir um currículo próprio para estes sujeitos. Mas a função reparadora deve ser vista, ao mesmo tempo, como uma oportunidade concreta de presença de jovens e adultos na escola e uma alternativa viável em função das especificidades socioculturais destes segmentos para os quais se espera uma efetiva atuação das políticas sociais. É por isso que a EJA necessita ser

pensada como um modelo pedagógico próprio a fim de criar situações pedagógicas e satisfazer necessidades de aprendizagem de jovens e adultos.

A segunda função atribuída a EJA é a equalizadora. Por meio desta, os indivíduos, que tiveram sua trajetória escolar interrompida, tem garantido o direito de retorno e permanência na escola, lhes possibilitando desenvolver suas habilidades, confirmar competências adquiridas na educação extra-escolar e na própria vida. Assim, o Estado deve assegurar, àqueles que abandonaram ou evadiram da escola, as condições necessárias para que adquiram ou completem a escolaridade. Neste sentido, os desfavorecidos, frente ao acesso e permanência na escola, devem receber proporcionalmente maiores oportunidades que os outros. Por esta função, o indivíduo que teve sustada sua formação, qualquer que tenha sido a razão, busca restabelecer sua trajetória escolar de modo a readquirir a oportunidade de um ponto igualitário no jogo conflitual da sociedade.

A terceira função é a qualificadora e sua tarefa é propiciar a todos a atualização de conhecimentos por toda a vida. Esta função constitui o próprio sentido da EJA, porque se articula a uma educação permanente focada no potencial humano e considerando a formação escolar e não escolar.

Dentro deste caráter ampliado, os termos “jovens e adultos” indicam que, em todas as idades e em todas as épocas da vida, é possível se formar, se desenvolver e constituir conhecimentos, habilidades, competências e valores que transcendam os espaços formais da escolaridade e conduzam à realização de si e ao reconhecimento do outro como sujeito (Parecer CNE/CEB 11/2000, p. 11).

A Constituição de 1934 reconhece, pela primeira vez, a educação de adultos como de direito e fundamental à construção de uma sociedade democrática, mas é somente com a Lei 5692/71 que a educação de jovens e adultos, através do ensino supletivo, é entendida pelo seu diferencial em relação ao aluno que a procura e aponta, com isto, a flexibilidade curricular para esta modalidade.

A Lei 9394/96 expressa a diferença existente entre o aluno da EJA e o aluno que frequenta a escola nos anos adequados à sua faixa etária. Aponta a larga experiência tanto profissional como de vida destes sujeitos e incentiva o aproveitamento de estudos, ou seja, o currículo formal e informal deste aluno, para a continuidade de sua escolarização. Desta forma, valida o que se

aprendeu fora da escola, sendo esta uma característica da flexibilidade deste currículo: “[...] aproveitar estes “saberes” nascidos destes “fazer” (p. 31).

A LDB coloca a União como articuladora entre os entes federativos, através de parcerias com os sistemas de ensino, mas trata a EJA de forma parcial, priorizando a educação fundamental das crianças. Para a EJA, uma das ações da união é a produção de livros didáticos específicos para esta modalidade, com uma organização curricular com conceitos apropriados para estes alunos e professores que têm como propósito dialogar com a realidade destes sujeitos.

As Diretrizes Curriculares Nacionais dizem que os conteúdos precisam estar pautados nos princípios da contextualização e do reconhecimento de identidades pessoais destes sujeitos devido à diversidade que acompanha sua trajetória. A flexibilidade curricular também é apontada como fundamental para atender a especificidade desta modalidade, desde o seu cotidiano, sem deixar de considerar a vivência do trabalho e a expectativa da melhoria de vida. É importante referir que, na EJA, apesar de semelhante situação social, a diferença entre faixas etárias é significativa – o que faz com que as expectativas e experiências sejam muito diferentes entre si. Desta forma, faz-se necessário perceber os diferentes perfis para a construção do projeto pedagógico e seleção dos conteúdos bem como a abordagem dos mesmos sem a perda da qualidade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais também apontam que a base nacional comum dos componentes curriculares (conjunto dos conteúdos mínimos das áreas do conhecimento articulados aos aspectos da vida cidadã) deverá estar compreendida nos cursos de EJA de forma que o estudante possa prosseguir seus estudos de modo regular, caso queira, sem qualquer prejuízo ou defasagem de conhecimento. O parecer CNE/CEB11/2000 traz, como finalização de seu texto, que, quando iguais oportunidades forem oferecidas a toda população, o Brasil será reconhecido, não pelas suas deficiências e problemáticas, e sim pela sua multiplicidade e por ser uma nação moderna e democrática.

2.2.4 O currículo na Educação de Jovens e Adultos no Rio Grande do Sul²

No Rio Grande de Sul, a Educação de Jovens e Adultos se estrutura como Ensino Supletivo no final dos anos 60 e início dos anos 70, a partir de uma organização pré-definida pelo Sistema de Ensino Estadual com base na legislação vigente – Lei 5692 e Parecer 699 do Conselho Federal de Educação.

O Ensino Supletivo trazia, em sua proposta, quatro funções a serem executadas na forma de cursos ou exames: suplência, aprendizagem, qualificação e suprimento. Estas, em seu desmembramento, apresentavam um currículo reduzido no que se refere a conteúdos, devido ao menor tempo para a conclusão do ensino de 1º e 2º graus, e uma formação voltada ao preparo de mão-de-obra para os setores da economia. A organização desta forma de ensino acontecia através de aulas presenciais e, também, com a utilização de recursos de mídia como televisão, rádio e correspondência, a exemplo do Projeto Minerva e dos telecursos.

O Departamento de Educação Especializada, em 1979, elabora um documento com orientações relativas às tarefas do processo educativo no que compete à metodologia, destacando o processo de aprendizagem do aluno adulto – Andragogia. A partir destes estudos, o Ensino Supletivo, que já entendia a flexibilidade necessária para este perfil de aluno, assume uma prática voltada ao autodidatismo. Passou, então, a oferecer aos adultos um currículo voltado para a aceleração dos estudos a fim de que estes permanecessem na escola em detrimento da qualidade. O professor se propunha como um estimulador, utilizando-se de guias de estudo, instruções programadas, estudos em módulos e manuais didáticos.

O Ensino Supletivo se encerra em dezembro de 2001, porque a LDB (Brasil, 1996) reconhece a EJA como uma Modalidade de Ensino da Educação Básica Regular. Desta forma, a EJA deveria ser incluída nos Projetos Políticos Pedagógicos e Regimentos das escolas da rede Estadual, bem como ter Planos de Estudos com proposta curricular adequada, respeitando sua especificidade e flexibilidade. O seu currículo deve atender o que propõem as

² Para a produção deste pequeno mapeamento da história do currículo da EJA no Rio Grande do Sul foi consultada SANT' ANNA (2006)..

Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, Médio e as Diretrizes Curriculares Nacionais da EJA, reconhecendo as diferentes necessidades de tempo, aprendizagem, processos, avaliação e permanência que caracterizam aqueles que retornam a escola.

Assim, inicia-se um novo tempo na rede estadual: os trinta anos de Ensino Supletivo, que objetivava acelerar os estudos, são substituídos por uma nova concepção de educação para jovens e adultos. É a revisão de todos os preceitos até então instituídos, provocando uma nova organização nos estabelecimentos de ensino.

2.2.5 A Educação de Jovens e Adultos de Esteio: história e currículo

No ano de 1997, iniciam-se as primeiras discussões para a implementação da Educação de Jovens e Adultos no município de Esteio. A organização, neste momento, atendia apenas a alfabetização de adultos na forma de livre oferta e era executada no horário vespertino, em poucas escolas e em associações de moradores, através de projetos pontuais, como, por exemplo, o Projeto João de Barro.

Em 1999, foi encaminhada, à 27ª Delegacia de Ensino, a primeira solicitação de autorização para o funcionamento do Projeto CEJA – “Construindo a Educação de Jovens e Adultos” do Ensino Fundamental, ciclo final, para quatro escolas da Rede Municipal. Após as adequações necessárias terem sido atendidas, em 2000, o Conselho Estadual de Educação autoriza o funcionamento do referido projeto nas escolas. Cabe destacar que as escolas faziam referência a este projeto em seus regimentos, mas, neste momento, a Mantenedora estava em processo de construção do Regimento Padrão a ser cumprido por todos os espaços que viessem a oferecer a Educação de Jovens e Adultos.

Em fevereiro de 2004, através do Ofício/CEED/58, o Conselho Estadual de Educação aprova o Regimento Padrão Parcial do Projeto CEJA pelo Parecer CEED 110/2001. Este regimento apontava a EJA como uma possibilidade de (re)integração e transformação do indivíduo através de um processo educacional que contribua na construção do cidadão participante,

crítico e atuante na sociedade. Tinha por finalidade oportunizar o acesso e permanência, na escola, de jovens e adultos que não concluíram o Ensino Fundamental em idade própria, respeitando as suas vivências e conhecimentos, redimensionando o tempo e o espaço da aprendizagem. A organização do curso era por totalidade de conhecimento, sendo dividida em 1, 2 e 3 para alfabetização e pós-alfabetização e 4, 5 e 6 correspondente aos anos finais do Ensino Fundamental.

Neste documento, não há um título específico para a forma de organização do currículo. Destina-se espaço para a metodologia de ensino que, em seu texto, sinaliza aspectos referentes ao currículo quando refere que

[...] esta proposta prevê o trabalho com campos conceituais através da elaboração de redes temáticas, partindo de temas geradores, que são provenientes de pesquisa dos aspectos significativos da realidade sócio-econômica e cultural em que estão inseridos os educandos. Assim, os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento estão a serviço da construção de conceitos, numa relação essencialmente dialética e dialógica (Regimento Parcial para a EJA, 2004, p.3).

O regimento parcial ainda refere que, através da compreensão do conceito de totalidade que se caracteriza por uma visão interdisciplinar e interacionista do processo de produção do conhecimento, o currículo seria estruturado de forma global a partir da qual os saberes seriam construídos por meio da ação-reflexão-nova ação.

Em 2009 aconteceu a mudança da administração municipal e, conseqüentemente, da equipe responsável pela EJA na Secretaria Municipal de Educação e Esporte – SMEE. Um dos aspectos de maior relevância foi a solicitação, junto ao Conselho Municipal de Educação, de que a EJA não fosse mais um projeto e sim uma modalidade a estar efetivamente nos Projetos Políticos Pedagógicos e Regimentos de cada escola. Assim, se construiu a Resolução CME Nº 12/2010, que estabelece diretrizes para a oferta da Modalidade de Educação de Jovens e Adultos no Sistema Municipal de Ensino.

Esta Resolução define os princípios norteadores para a Modalidade da Educação de Jovens e Adultos e ressalta a responsabilidade da escola e da mantenedora quanto à implementação de todos os procedimentos explicitados, tendo em vista o direito social dos sujeitos a uma educação com qualidade e que respeite as singularidades.

A Educação de Jovens e Adultos, como modalidade da Educação Básica, será ofertada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos em idade própria. Tem por objetivo possibilitar a estes sujeitos o acesso a conhecimentos e informações que os instrumentalize para atuar de forma participante e crítica na sociedade, exercendo seus direitos e deveres. A Resolução também diz que a Educação de Jovens e Adultos, na Rede Municipal de Ensino, poderá ser oferecida em Centros Municipais de Educação Básica (CMEB), em instituições públicas do município e em outros espaços adequados ao processo educativo – o que permite ampliar o acesso a esta modalidade, inclusive no diurno, em espaços alternativos.

Outro ponto que merece destaque nesta Resolução é o seguinte: “As instituições de ensino que ofereçam Educação de Jovens e Adultos deverão incluí-la em seus Projetos Políticos Pedagógicos e Regimentos Escolares, conforme Resolução CME nº 07/2009, atendendo também o previsto na presente Resolução” (Resolução CME Nº 12/2010, art. 4º p. 2). Neste momento, a EJA se insere nos documentos da escola e passa a ser compreendida não mais como um adendo e sim como de responsabilidade da instituição de ensino onde os recursos financeiros recebidos do município da União também estão destinados a esta modalidade.

A Resolução ainda propõe que a Secretaria Municipal de Educação e Esporte poderá ter um Regimento Escolar, conforme a Resolução CME nº 07/2009, que discipline a oferta da EJA em outros espaços adequados ao processo educativo, desde que devidamente aprovado pelo Conselho Municipal de Educação. Sobre o currículo, diz que ele deverá atender os princípios:

- I - da realidade dos sujeitos da EJA;
- II - do aproveitamento das experiências que os alunos trazem;
- III - do processo de aprendizagem de cada aluno visto que a construção do conhecimento ocorre de forma diferenciada entre os sujeitos;
- IV - do reconhecimento das diferenças;
- V - da flexibilidade;
- VI - da diversidade e pluralidade cultural.

A organização curricular se dará por totalidade, matrícula por disciplina, área de conhecimento ou outra forma de organização conforme Projeto Político Pedagógico e Regimento do CMEB, observando a LDB. O currículo deverá, também, prever a adequação, adaptação e flexibilização para atender as pessoas com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e superdotação, conforme Resolução CME nº 10/2009. Os planos de trabalhos dos professores, vinculados aos planos de estudos, deverão ser construídos de forma articulada entre os componentes curriculares, independente da organização curricular, de forma a significar e resignificar o conhecimento aos alunos e atender as especificidades desta modalidade.

Esta administração tem, como uma das intenções, o fortalecimento da EJA e, por isto, se construiu um regimento da SMEE para a EJA com vistas a garantir ações para esta modalidade que se diferenciam das já realizadas pelas escolas. Neste regimento consta a concepção de currículo da SMEE expressa nos dois artigos abaixo:

Art. 3º Currículo e conhecimento são duas ideias indissociáveis já que o currículo relaciona-se com o processo em que o indivíduo adquire, assimila e constrói o conhecimento em um tipo particular de experiência proporcionada pela práxis da escola, assim, o conhecimento deve, portanto, ser construído pelo grupo envolvido e, para que a mudança no currículo aconteça de fato, o educador deve desenvolver a consciência política, a competência técnica e a visão coletiva. Cabe salientar, ainda, que não se pode limitar a discutir os programas, os conteúdos, as grades e a carga horária, já que experiências dessa ordem já foram realizadas sem que a escola tenha se transformado. Necessariamente, o que se busca como uma nova organização curricular é a inter-relação entre as áreas do conhecimento, e entre estas e a sociedade mais ampla (Regimento Padrão da EJA – SMEE, Gestão 2009-2012, p. 7).

Art. 4º O currículo deve estar inserido em uma perspectiva progressista e transformadora, de caráter emancipatório, desenvolvendo o espírito investigativo e o domínio dos conhecimentos básicos, especialmente da leitura, da escrita, da Matemática, das Ciências Naturais, da História, da formação da sociedade brasileira e dos conteúdos e práticas de respeito à diversidade étnica, religiosa, de geração, de gênero e de promoção da solidariedade, da cultura da paz e da igualdade. É necessário que se contemple um currículo que supere a "listagem de conteúdos", um currículo contemplado a partir dos temas contemporâneos, emergentes, cíclicos, eventos de impacto e do cotidiano (Regimento Padrão da EJA – SMEE, Gestão 2009-2012, p.7).

Constam, neste regimento, duas propostas de organização curricular, sendo uma para adultos e outra para adolescentes, nas quais é possível que,

através do redimensionamento dos conteúdos e ações, estes sujeitos tenham a possibilidade de concluir a 6ª, 7ª e 8ª série em 800 horas.

A Ação Integrada para Adultos tem por finalidade oportunizar a adultos trabalhadores a conclusão do Ensino Fundamental a partir de uma proposta pedagógica diferenciada e interdisciplinar que articula os saberes construídos nas trajetórias pessoais e profissionais destes adultos com o conhecimento cientificamente construído pela humanidade. Esta ação tem como base os seguintes princípios:

- I. produção do conhecimento através da problematização da realidade;
- II. reorientação do currículo escolar para tornar o conhecimento dinâmico e nunca encerrado;
- III. transformação das relações entre educadores e educandos a partir da dialogicidade;
- IV. integração do conhecimento sistematizado e conhecimento popular;
- V. o indivíduo como autor de sua inclusão, ou seja, o sujeito como protagonista de sua ação social.

O currículo, diversificado e participativo, é definido a partir das necessidades dos trabalhadores, da legislação vigente e da consideração da realidade sociocultural, científica e tecnológica, reconhecendo o conhecimento que resulta de suas vivências. É organizado através de grandes temas da realidade e investe na formação das pessoas, não só na direção de sua autonomia, da clareza na defesa dos direitos, mas principalmente no campo do compromisso social e político com a coletividade. A questão central está na relação entre educação e trabalho e no entendimento do trabalho como princípio educativo. A organização curricular está dividida em quatro eixos temáticos:

- I. transformações no mundo do trabalho;
- II. economia e exclusão social;
- III. cidade e políticas públicas;
- IV. gestão e planejamento.

Para os adolescentes, considerando a trajetória destes alunos, entre 15 e 18 anos, que, por diversas razões, não concluíram a sua escolarização em tempo adequado, será oferecida uma organização curricular diferenciada que

contemple os saberes e trajetórias pessoais vinculados aos conhecimentos necessários para a evolução social destes sujeitos. A organização curricular é dividida em três eixos temáticos:

1º Eixo: Resgatando a Cidadania: minha história faz parte da história.

2º Eixo: Mundo do Trabalho: qualificação e inserção.

3º Eixo: Economia e Globalização.

Desta forma, deseja-se que os adolescentes, que apresentam grande distorção idade-série, se apropriem de conhecimentos que agreguem valor às suas vidas de modo que não reproduzam as histórias de seus cotidianos e possam alavancar novos sonhos em direção à concretização de seus direitos.

Durante todo o ano de 2011, os professores que atuam na EJA e as equipes diretivas receberam formação continuada e, paralelo a esta, espaços também de formação e diálogo foram promovidos pela SMEE. Um dos momentos de grande importância para os professores foi quando estes foram chamados, em grupos por área de conhecimento, a olhar os planos de estudos que construíram em novembro de 2010. Esta discussão teve como pano de fundo os seguintes aspectos:

- o aluno da EJA já esteve no ensino regular;
- o tempo na EJA é diferente;
- o aluno da EJA traz experiências de vida e estas precisam ser olhadas com atenção;
- o sentido de se trabalhar determinados conteúdos;
- o que se está ensinando agrega algo à vida destes sujeitos ou os conteúdos são selecionados a partir do que está posto?
- como estamos instrumentalizando os alunos para que estes sigam adiante?

A partir do debate, tudo o que estava posto foi revisado e muitos conteúdos substituídos por outros que, além de não terem sido contemplados ainda, eram mais significativos para os educandos. Além disso, a flexibilidade, o estabelecimento de relações entre as áreas, o aproveitamento dos elementos do cotidiano passaram a se fazer presentes nesta nova organização. Logicamente, ainda há muito o que fazer neste sentido, mas o início de uma construção a partir do diálogo, da valorização do saber do professor e do aluno já acontece.

3. A JUVENILIZAÇÃO NO ENSINO NOTURNO

A escola é composta por diversas relações, por intenções variadas e por sujeitos que diferem muito entre si e que, por razões também diversas, precisam conviver, trocar, aprender, rever crenças. Em um único espaço encontra-se uma grande diversidade de sujeitos que fazem o espaço escolar ser, talvez, uma das maiores instituições sociais que temos. Dayrell (2006), a partir de uma pesquisa em uma escola de ensino noturno em Belo Horizonte, questiona sobre quem são estes jovens, o que buscam na escola, o que significa esta instituição. O autor diz que, para a maioria dos professores, estas questões são desnecessárias, porque, para eles, todos, igualmente, são alunos. Os professores não conseguem perceber que, mesmo sendo jovens, as expectativas em relação à escola não são as mesmas. Como isto não é reconhecido, a organização do espaço escolar se torna igual para todos.

A escola é vista como uma instituição que busca garantir o acesso ao conhecimento necessário para que seja possível se manter na sociedade. Sem estes conhecimentos o aluno está à margem da sociedade e estará fadado ao insucesso. O professor é o responsável por transmitir os conteúdos que ele e o sistema educacional entendem como necessários. Ao aluno cabe receber e assimilar estes conteúdos para que apresente um bom resultado nas provas e consiga, ao final do período letivo, a aprovação. Se tudo acontecer nesta lógica, o “sucesso” será de todos. Caso não seja assim, o responsável será o aluno. Os demais se isentam de suas responsabilidades. Nesta perspectiva, não há qualquer possibilidade de se olhar para as dimensões humanas dos sujeitos envolvidos neste processo, visto que a reprodução de métodos, técnicas e conteúdos centrados apenas na cognição e no comportamento prevalecem sobre o ser humano que ali está.

Uma outra forma de perceber estes jovens é vê-los como sujeitos de diversidade, ou seja, que eles têm experiências de vida anteriores à escola, sofrimentos, relações sociais de sucesso e insucesso, projetos, valores, que são diferentes e que buscam a escola, porque ela é a instituição que irá validar a ascensão que desejam. Olhar para estes jovens de forma heterogênea é também desejar que eles permaneçam neste espaço para que dele aprendam apenas o suficiente para reconhecer sua historicidade e ampliar a visão de

mundo que os cerca, transformando suas realidades. No entanto, e mesmo reconhecendo a importância dessa perspectiva, não se pode esquecer que estes jovens foram inseridos em uma sociedade que já tinha uma estrutura constituída quando nasceram. Portanto, as opções oferecidas e formas de vida para estes jovens se limitavam aquilo que seus pais, por exemplo, já viviam. Poderiam estar fadados à reprodução desta história.

Outra possibilidade é a interação destes jovens com grupos sociais diferentes, que oportuniza conhecer outras formas de viver, ter outras experiências e perceber as contradições sociais, possibilitando que façam suas próprias escolhas. São estas experiências que os constituem em um processo dinâmico de elaboração e reelaboração de relações, crenças, desejos, modelos, no cotidiano, sendo desta forma que chegam à escola: sujeitos constituídos a partir da constituição do outro. Conforme Dayrell (2006, p. 144),

os alunos que chegam à escola são sujeitos sócio-culturais, com um saber, uma cultura, e também com um projeto, mais amplo ou mais restrito, mais ou menos consciente, mas sempre existente, fruto das experiências vivenciadas dentro do campo de possibilidades de cada um. A escola é parte do projeto dos alunos.

Dayrell (2006) também chama a atenção para a arquitetura da escola: os muros apresentam o isolamento da realidade vivida por estes jovens. É como se, ao entrar na escola, se devesse esquecer de todo o resto de suas vidas. O autor destaca que sua estrutura é concebida para facilitar as ações disciplinadoras com rapidez e que somente a sala de aula é pensada para atividades pedagógicas. Refere também à falta de vida nesta estrutura a qual externaliza a concepção de educação que ali está. Mas, existem os alunos e estes, sim, recriam novos sentidos para este lugar e alteram sua geografia a fim de se aproximarem entre si.

E sobre esta aproximação constata-se que a escola a promove pouco e não se utiliza das diversas manifestações culturais que estes jovens trazem consigo, talvez pelo medo da indisciplina ou por entender que não é necessário. Possibilitar estas manifestações é conhecer as diferentes identidades destes sujeitos e entendê-las, também, como elementos importantes que permitem compreender os alunos e suas trajetórias. Estas manifestações culturais poderiam ser momentos de encontro que se transformassem em ações coletivas de aprendizagem.

Outro aspecto a ser considerado é a forma como se constrói o papel de aluno e o papel de professor na escola. Estes papéis se constroem na sala de aula e mudam quando aluno e professor estão fora dela. O papel do aluno se constrói a partir do que a família pensa e externaliza sobre a escola. Estes elementos, por sua vez, estabelecem diálogos com os estereótipos socialmente criados a partir dos quais os alunos buscam se identificar. O papel do professor se constrói a partir da forma como ele aprendeu, da sua constituição enquanto sujeito e a partir de valores que traz consigo.

No entanto, para além disso, a relação entre professor e alunos também determina os comportamentos em uma turma. O discurso do professor produz efeitos, afeta os alunos diferentemente. Por outro lado, os mesmos alunos podem reagir de maneira diversa com os diferentes professores. São as imagens e estereótipos que influenciam o discurso e a postura do professor e do aluno e que interferem na auto-imagem deste grupo e no seu desempenho de sucesso ou não. Como adverte Dayrell (2006),

No dia a dia das relações entre professor e alunos, parece existir dois mundos distintos: o do professor, com sua matéria, seu discurso, sua imagem e o dos alunos, com sua dinâmica própria. Os dois mundos às vezes se tocam, se cruzam, mas na maioria das vezes, permanecem separados (p. 155).

O professor perde ricas oportunidades de construir relações que promovam a aprendizagem, porque foca suas ações de forma linear entre ele e seus alunos. Vê estes sujeitos de forma homogênea e se limita a transmitir conteúdos sem considerar as relações e sentidos existentes em uma sala de aula. Percebe somente a cognição e comportamento dos alunos. Esta visão reduzida de educação impede uma aprendizagem significativa. O conhecimento escolar deixa de ser um instrumento para que os alunos conheçam melhor a si a ao mundo que os cerca em direção positiva aos seus projetos e torna-se apenas uma árdua etapa que precisa ser cumprida.

Ao analisar os conteúdos oferecidos aos jovens, percebe-se a pobreza de elementos, a falta de coerência e coesão e a dissocialidade com a realidade vivida por estes. Esta poderia ser considerada uma das causas do fracasso escolar, principalmente nas camadas populares. “O conteúdo é encarado como um meio para o verdadeiro fim: passar de ano. E a escola também tende a se

tornar meio para outro fim: o diploma e, com ele, a esperança de um emprego melhor, ou uma certa estabilidade ocupacional” (Dayrell 2006, p. 157).

O cotidiano da escola cai em uma rotina e engessa as ações que parecem impossíveis de serem transformadas. Os estudantes criam mecanismos próprios para lidar com os professores e colegas, os professores não conseguem se aproximar dos alunos e pouco se constrói em direção da criação do hábito da produção intelectual. Além disso, não há intencionalidade nas práticas docentes, apenas a transmissão de conteúdos. A estrutura da escola organiza-se para si mesma, não percebe os aspectos socioculturais que ali existem através de seus alunos, desconsiderando as experiências humanas latentes nestes jovens.

É urgente que os profissionais da educação reflitam sobre estes elementos para repensar os conteúdos e significados da organização e do funcionamento do cotidiano da escola. Dayrell (2006, p. 160) diz acreditar que a escola pode e deve ser um espaço de formação amplo do aluno, que desafia a aprofundar o processo de humanização, aprimorando as dimensões e habilidades que fazem de cada um de nós seres humanos. Além disso, como dizem Carrano e Martins (2011): uma das maiores tarefas das instituições, hoje, seria a de contribuir para que os jovens pudessem realizar escolhas conscientes sobre suas trajetórias pessoais e, também, constituir os seus próprios acervos de valores e conhecimentos que já não mais são impostos como heranças familiares ou institucionais.

Sposito (1999, apud Carrano e Martins, 2011, p. 45) lembra que a escola silencia os movimentos juvenis, porque estes não são visíveis e socialmente aceitáveis por não estarem de acordo com os padrões e valores que se julgam corretos. Nesta perspectiva, ser estudante é seguir os padrões institucionalizados sem a possibilidade de expressão de suas culturas. Da mesma forma que, na escola, os padrões estão definidos, a juventude, concebida como receptora passiva de uma cultura dominante, também recebe de forma definida os padrões que deve seguir a fim de moldar-se a esta sociedade moderna que não reconhece a diversidade juvenil como potencialidade.

É importante que a escola entenda, para melhor explorar positivamente, que esta juventude que ali está passa por dois momentos significativos. Um deles refere-se à fase da vida que corresponde à preparação, à transição para a vida adulta. O outro aspecto é a influência que a juventude, inserida em culturas juvenis diferentes, recebe do meio social ao qual pertence, sendo determinada pelas questões de classe, relações de poder, cultura e outras manifestações daquele meio. Estes aspectos precisam estar presentes no espaço escolar como conteúdo a ser discutido e percebido pelos professores para que os jovens se sintam pertencentes e destinem outro significado ao espaço escolar. “O que se procura padronizar como sendo a principal característica da juventude – a rebeldia – pode ser explicada como uma forma de assumir alguma postura diante da cultura dominante, no caso, a dos adultos e, porque não dizer a escolar” (Carrano e Martins, 2011, p. 53).

4. DOCENTES E DISCENTES DA EJA: DIÁLOGOS E DESEJOS QUE SE CRUZAM

4.1 A pesquisa participante como instrumento de escuta e descobertas

A pesquisa do tipo participante, metodologia utilizada nesta investigação e baseada em Carlos Rodrigues Brandão (2011), constitui-se em uma investigação social que se dá através da plena participação dos sujeitos no processo. Como saliente o autor, a pesquisa participante se constitui em uma:

prática solidária de construção partilhada de conhecimentos, defendendo a idéia de que é antes uma postura diante do outro, da outra pessoa, do que uma metodologia de prática científica o que traça a identidade da *pesquisa participante*, em seus vários rostos e entre as suas diferentes alternativas. Ao ousar criar novas formas de conhecimento, a *pesquisa participante* cria na verdade uma única inovação. A idéia de que tal conhecimento somente se cria através do *diálogo* e a serviço do *diálogo*, entre sujeitos diferentes, mas nunca desiguais, situados de um lado e do outro, mas frente a um mesmo horizonte de humanização do mundo e da vida social, através, também, disto a que damos em geral o nome de *pesquisa científica* (p. 1) (grifos do autor).

Desde esta perspectiva de investigação, os sujeitos envolvidos analisam a sua própria realidade com o objetivo de buscar a transformação daquele contexto onde estão inseridos, sendo uma atividade educativa de investigação e ação social. A fim de se estabelecer a partir de uma perspectiva participativa, levei em consideração, também como propõe Brandão (1998), alguns aspectos orientadores do trabalho: a intenção de produção da pesquisa partiu de mim provocada por alunos e professores das escolas com que trabalho na condição de Assessora Pedagógica; as respostas obtidas nesta pesquisa retornaram aos sujeitos que com ela contribuíram (professores, alunos e gestores) a fim de, a partir daí, ser repensado o processo pedagógico nas instituições. Como consta no livro **Falando de Nós: o SEJA** (1998),

[...] a pesquisa participante [...], além de envolver no seu processo de investigação a ação dos sujeitos (a realização concomitante da investigação e da ação), também pressupõe um processo de educação (com o objetivo de mudança ou transformação social) e organização (participação conjunta de pesquisadores e pesquisados) a partir de uma proposta político-pedagógica. [...] é uma atividade de pesquisa educacional e orientada para a ação (p. 45).

Para atender a estas características, pois, os alunos foram envolvidos desde o início neste processo, porque, segundo Brandão, “[...] a intervenção dos alunos sobre os dados significaria resgatar a etno-história da pesquisa,

trabalhando seu espírito, e não a forma em si como foi aplicada, explicando e problematizando alguns dos dados levantados” (Brandão, 1990 apud SEJA, 1998).

Com a intenção de provocar um debate sobre o funcionamento da EJA em cada uma de nossas quatro escolas que têm esta modalidade, organizou-se um Fórum. Ele envolveu equipes diretivas, professores e alunos que, no dia-a-dia, vivem este cotidiano coletivo, mas, ao mesmo tempo, individual devido às intenções que move cada um destes sujeitos que têm uma história anterior ao espaço escolar.

No mês de junho de 2011, nos reunimos³ com as Orientadoras Educacionais para organizarmos este Fórum. Chamamos estas profissionais por entender que elas, dentro da equipe diretiva, são as pessoas que têm maior vínculo construído com os alunos devido à função que exercem no espaço escolar. Além disso, queríamos que as escolas, através das Orientadoras Educacionais, também se sentissem participantes deste movimento e que tivessem despertada a necessidade de saber o que pensam os alunos.

Assim, os objetivos para este encontro foram:

- oportunizar aos representantes de turma escolhidos, democraticamente por seus colegas, um espaço de diálogo e reflexão a partir de questões norteadoras discutidas pelos próprios alunos no interior da escola;
- buscar elementos para a qualificação do trabalho na EJA a partir da escuta dos alunos através de seus representantes no que compete à Secretaria Municipal de Educação;
- oferecer, às escolas, materiais para elaboração de ações que qualifiquem as práticas pedagógicas junto a esta modalidade de ensino.

Sobre os representantes de turma, desejo destacar que, em nossa realidade, a escolha destes alunos ocorre por ter se tornado algo que faz parte da cultura da instituição. No entanto, estes alunos, eleitos como representantes pelos seus pares, são pouco atuantes no cotidiano da escola. Dificilmente são chamados a discutir melhorias para suas turmas de origem ou atuar como parceiros, pensando alternativas e ações para a superação de dificuldades

3 Para a organização deste Fórum também contribuiu a colega Patrícia Teixeira que é Assessora Pedagógica da EJA na Secretaria Municipal de Educação de Esteio.

existentes na escola. Diante disso, optamos, nesta pesquisa, pela ação direta destes alunos representantes para que eles, ao fazerem a intervenção com seus colegas, pudessem vivenciar a representatividade que têm de forma a contribuir com as suas realidades.

Após termos claros os objetivos, construímos quatro questões norteadoras para o debate em cada uma das 26 turmas de EJA, totalizando mais ou menos 550 alunos entrevistados:

- 1- Por que vim estudar na EJA?
- 2- O que mantém o aluno da EJA na escola?
- 3- O que afasta o aluno da EJA na escola?
- 4- No que a EJA contribui para a nossa vida?

Estas questões tiveram como base, para sua construção, o constante “vai e vem” do aluno da EJA, o qual, dificilmente, conclui o Ensino Fundamental sem ter abandonado a escola pelo menos por uma vez.

Elaboramos um roteiro de trabalho, estabelecendo conjuntamente as atribuições de cada participante nesta pesquisa:

- a Assessoria Pedagógica envia os objetivos e as perguntas norteadoras para as Orientadoras Educacionais;
- a Orientadora Educacional compartilha com os professores a proposta e agrega sugestões caso surjam;
- a Orientadora Educacional organiza um encontro com representantes de turma para expor o objetivo do encontro, questões norteadoras e organização em sala de aula para aplicação das questões;
- em uma única noite, até o intervalo ou menos, os representantes de turma farão os questionamentos aos colegas e registrarão as falas. (Pede-se que o professor regente esteja na turma para mediar alguma situação que possa surgir);
- a Orientadora Educacional reúne novamente os representantes para sistematização dos registros e escolha de um relator para apresentar o documento construído a partir das respostas no Fórum.

Cada uma das escolas se organizou e as entrevistas foram feitas. Segundo as Orientadoras Educacionais, os alunos responderam às perguntas com muita tranquilidade, porque os objetivos do trabalho foram compartilhados

com eles. Além disso, a presença do professor regente de turma também contribuiu para que os alunos se sentissem mais seguros durante a intervenção.

O Fórum foi realizado no mini-auditório da Secretaria Municipal de Educação no dia 14 de julho de 2011 das 19h às 21h45. Escolhemos este local por três motivos: primeiro para que os educandos saíssem do espaço que lhes é comum e compõe os seus cotidianos. O segundo motivo foi para que pudessem conhecer onde está localizada a mantenedora da escola, que é uma instituição pública que atende as demandas de suas escolas e, por consequência as suas, e que age de forma articulada com suas instituições de ensino. E o terceiro motivo foi para a formalização deste Fórum como um encontro onde a SMEE, além da escola, também desejava conhecê-los e escutá-los para a promoção do debate e construção de encaminhamentos a partir das entrevistas investigativas que eles próprios realizaram, sendo, também, autores deste processo.

Os alunos, 39 representantes e vice-representantes de turma, porque nem todos comparecerem, e as Orientadoras Educacionais foram recepcionados com música, um lanche e receberam pastas, contendo a proposta da noite e material para anotações.

Realizei a abertura do Fórum, validando a importância daquele momento coletivo de escuta por ter sido o primeiro encontro de representantes após mais de uma década de EJA no município, e apresentei a organização da noite, a qual iniciou com a fala da Secretária Municipal de Educação que esteve presente durante todo o Fórum.

Cada escola fez sua apresentação com um material muito bem organizado e ensaiado (Anexo I). Os alunos estavam nervosos durante suas falas. Após a realização de todas as apresentações, iniciou-se o debate que teve como pano de fundo as respostas que se assemelhavam mesmo em comunidades com realidades tão diferentes. O sentimento de participação daqueles sujeitos era emocionante, porque ficou evidente que este Fórum os mobilizou enquanto lideranças nas escolas e em suas turmas e, naquele momento, eles representavam um coletivo e também a si mesmos. Era claro o desejo de contribuição, de parceria, que cada um deles tinha como agentes de

transformação das problemáticas ali identificadas e problematizadas. Era a oportunidade de a escola distribuir o poder que está nas mãos de alguns de forma a ter aliados de força e capazes, pelo lugar que ocupam, de mudar a realidade da Educação de Jovens e Adultos.

4.2 Análises das entrevistas: O que os alunos e alunas nos disseram?

Para melhor compreensão, farei as análises por pergunta realizada. Cada pergunta remete a uma categoria a partir da qual são considerados o currículo e as identidades discentes na EJA adolescente.

4.2.1- Por que vim estudar na EJA?

Nesta categoria – motivos da migração para a EJA, os alunos dizem ter vindo estudar na EJA, porque, para eles, esta é a possibilidade de concluir o Ensino Fundamental mais rápido e para poderem trabalhar durante o dia:

[...] além de ser mais dinâmico, mais rápido para terminar o Ensino Fundamental, facilita para que a gente possa trabalhar de dia. (J).

Todos desejam ter um futuro melhor e depositam na escola a esperança de que, através da escolarização formal, conquistarão um bom emprego:

[...] estamos atrasados e queremos fazer uma faculdade a fim de conseguir um bom serviço. (M).

Um número bem expressivo também aponta a recuperação do tempo perdido em anos anteriores quando, neste caso os adolescentes, não levavam a escola a sério. Destacam, também, que hoje não têm idade para estar no diurno:

[...] muitos levaram as coisas na brincadeira e não temos mais idade para estar no diurno. (P).

É curioso ver a postura deste adolescente que, ao mesmo tempo em que estabelece, para si, um significado para a escola, age com displicência em relação a esta, havendo uma contradição entre o que pensa e o que faz. Esta ação/reação, como diz Dayrell (2006), está ligada à diferença entre o mundo do aluno e o mundo do professor: os primeiros trazem consigo uma dinâmica

própria de vida, a qual precisa ser conhecida com seriedade, e os professores, extremamente convictos de suas certezas, fazem com que exista um abismo entre eles e seus alunos, porque o foco está na matéria escolar que precisa ser transmitida. Conforme Dayrell (2006, p. 139) “Nessa lógica, não faz sentido estabelecer relações entre o vivenciado pelos alunos e o conhecimento escolar, entre o escolar e o extraescolar, justificando-se a desarticulação existente entre o conhecimento escolar e a vida dos alunos”.

Esta desarticulação de mundos aparece na diferença entre o projeto da escola e o projeto dos alunos ou, como lembra Dayrell (2006), na tensão entre a “gramática institucional” e a “gramática dos grupos” de que resulta certo distanciamento entre o conhecimento escolar e a vida dos alunos:

A escola, como espaço sócio-cultural, é entendida, portanto, como um espaço social próprio, ordenado em dupla dimensão. Institucionalmente, por um conjunto de normas e regras, que buscam unificar e delimitar a ação dos seus sujeitos. Cotidianamente, por uma complexa trama de relações sociais entre os sujeitos envolvidos, que incluem alianças e conflitos, imposição de normas e estratégias individuais, ou coletivas, de transgressão e de acordos (p. 137).

A escola preocupa-se com a transmissão dos conteúdos, com a formalização do saber, com a ritualização de tempos e espaços e com a hierarquização. O aluno também está preocupado com o conhecimento, também tem o seu projeto estruturado para o momento que vive e de acordo com sua trajetória, mas a dificuldade surge pela falta de diálogo significativo. Diálogo que não é a conversa esvaziada, e sim uma aproximação de possibilidades que, por meio do compartilhamento e consideração das múltiplas experiências dos sujeitos, contribuirá para a constituição deste jovem enquanto sujeito também a partir do outro com quem ele se relaciona. Portanto, sujeito sócio-cultural (Dayrell, 2006). Este outro é o seu colega, o professor, o vigia, o diretor, o acontecimento social, o conflito, a descoberta...

Enfim, falo de diálogo entre os saberes destes sujeitos-educandos e os saberes escolares do qual resultará um processo educativo relevante e transformador de vida. Como propõe Dayrell (2006), “A aprendizagem implica [...] estabelecer um diálogo entre o conhecimento a ser ensinado e a cultura de origem do aluno” (p. 156), possibilitando que este educando constitua relações substantivas entre o que se aprende e o que já conhece. Ou ainda, como lembra Carrano (2008),

Um desafio que se apresenta para o campo educacional é o de conseguir os necessários “vistos” e “passaportes” para a viagem que é dialogar e mesmo compartilhar dos sentidos culturais que são elaborados nas múltiplas redes sociais da juventude (p. 157).

4.2.2 - O que mantém o aluno na EJA?

No que se refere a esta categoria – motivos da permanência do aluno na EJA, o primeiro aspecto apontado pelos alunos é a necessidade de concluir o Ensino Fundamental, mesmo com o grande número de evasões que acontecem nesta modalidade. O outro ponto que aparece nas entrevistas, de forma muito expressiva, são as amizades, os colegas e a convivência:

Precisamos terminar o Ensino Fundamental. (B).

Todos se ajudam e são responsáveis. (E).

O que mantém, também, são as conversas, brincadeiras e alegria dos colega. (R).

O convívio social e o ambiente agradável. (J).

De fato, a constituição dos grupos, seja por religiosidade, tribo, música, proximidade de moradia etc., faz com que os alunos permaneçam, porque a escola pode ser, para a maioria deles, o único espaço de convivência organizado a que eles têm acesso. Além disso, conforme Dayrell (2006), a escola, para estes alunos, é uma possibilidade de interação. Nela, é possível conhecer outras formas de viver e, com isso, ampliar as possibilidades de escolhas.

Os alunos [...] se apropriam dos espaços [...], recriando neles novos sentidos e suas próprias formas de sociabilidade. Fica evidente que essa re-significação do espaço, levada a efeito pelos alunos, expressa sua compreensão da escola e das relações, com ênfase na valorização da dimensão do encontro (p. 147).

Além disso, os alunos se constituem sujeitos também através da constituição dos outros:

[...] esses jovens que chegam à escola são o resultado de um processo educativo amplo, que ocorre no cotidiano das relações sociais, quando os sujeitos fazem-se uns aos outros, com os elementos culturais a que têm acesso, num diálogo constante com os elementos e com as estruturas sociais onde se inserem e as suas contradições (Dayrell, 2006, p. 142).

Destaco, também, a figura do professor, que aparece como referência positiva para que os alunos permaneçam na escola. É interessante identificar que, mesmo com as dificuldades de relacionamento existentes e a distância entre os projetos da escola e do aluno, que dificulta o diálogo, o professor exigente, que sabe o que está ensinando, que incentiva, é visto pelos alunos como alguém importante que recebe o seu reconhecimento:

O professor exigente se mostra interessado para que o aluno possa progredir. (S)

Quando estudava de dia os professores humilhavam – obrigavam a fazer o que a gente não queria. Hoje, os professores preocupam-se com os alunos e se estão aprendendo a disciplina de matemática. (V)

4.2.3- O que afasta o aluno da EJA?

Nesta categoria – motivos de afastamento do aluno da EJA, vários elementos aparecem: o trabalho, problemas familiares, o cansaço, o inverno, os alunos que não querem aprender, as drogas, a falta de persistência etc., e todos eles estão ligados à realidade de cada um destes alunos quando estão fora dos muros da escola:

O cansaço após um dia de trabalho. (M).

Desinteresse do aluno que não quer nada com nada, não quer estudar e só brinca. (J).

Intimidações. (S).

Para quem mora longe é perigoso, as drogas, as más companhias, tem pessoas que acham que vão conseguir emprego sem estudar e as aulas chatas. (L).

Estas situações deveriam ser a base para compor o currículo para estes alunos, principalmente os jovens. Como destaca Dayrell (2006, p. 155),

Imerso nessa visão estreita da educação, dos processos educativos, do seu papel como educador e sobretudo do aluno, o professor não percebe a dimensão do conjunto das relações que se estabelecem ali na sua frente, na sala de aula. Deixa, assim, de potencializar a aprendizagem, já em curso, de uma das dimensões humanas, ou seja, do grupo, das relações sociais e seus conflitos.

Ou, como complementa Carrano (2008), a “homogeneidade ainda é muito mais desejável à cultura escolar do que a noção de heterogeneidade,

seja ela de faixa etária, de gênero, de classe, de cultura regional ou étnica” (p. 160).

Infelizmente, o que os educandos apontam como motivo de afastamento da escola pouco é discutido entre os docentes. Estes até sabem de seu cotidiano perverso, mas são poucos os que procuram se apropriar destas histórias de vida, ler as entrelinhas dos comportamentos em sala de aula, ver estes alunos como sujeitos e fazer disso a base para um novo desenho da organização da EJA. Afinal, esta modalidade existe para atender esta demanda que esteve pela escola durante o diurno e não deu certo. Eles retornam para esta mesma instituição, geralmente, a mesma onde estudaram durante o dia, e novamente não obtém sucesso:

Não consigo aprender. (L).

O que afasta o aluno da EJA é permanecerem muitos anos na escola. (T).

4.2.4- No que a EJA contribui para a vida do educando?

Nesta última categoria – contribuições da EJA para a vida do educando, além da “recuperação do tempo perdido”, conforme a expressão dos alunos, porque é possível concluir o Ensino Fundamental mais rápido, aparece novamente a importância das relações. Junto ao conhecimento, a conquista do possível ou não emprego, está a contribuição da escola na melhoria das relações interpessoais.

O relacionamento com pessoas diferentes melhora a expressão e nos ensina a respeitar a diversidade. (B).

Amplia o conhecimento e o diálogo nas relações. (S).

Ajuda a terminar os estudos e a fazer novos amigos. (F).

Se relacionar com segurança e ser espontâneo. (T).

Este aspecto pode parecer irrelevante, porque é subjetivo, mas, para o aluno da EJA, que tem vínculos que se constroem e se destroem com muita facilidade, que tem problemáticas familiares permeadas por violência, que tem baixa autoestima devido à sequência de fracassos, conseguir se perceber melhor e ter retorno disso, por parte daqueles que o cercam, é uma conquista

imensurável. Esta deve ser uma das funções da EJA: promover ações para o desenvolvimento de relações significativas e importantes entre todos os sujeitos que estão na escola.

Dayrell (2006) fala sobre o processo de humanização que a escola deve possibilitar àqueles que nela estão. Ou seja, não basta apenas o conhecimento acumulado pela humanidade, mas a necessidade de aprimorar as habilidades internas de cada ser humano, as quais, conseqüentemente, permitirão que o conhecimento formal adquira novos significados. “[...] a escola pode e deve ser um espaço de formação ampla do aluno, que aprofunde o seu processo de humanização, aprimorando as dimensões e habilidades que fazem de cada um de nós seres humanos” (Dayrell, 2006, p. 160).

4.3 Análises das entrevistas: O que os professores e professoras disseram?

Não seria possível, nesta pesquisa, deixar de investigar o que pensam os docentes sobre o cotidiano em que atuam, sobre os alunos com quem trabalham e sobre o porquê de atuarem na EJA. Para isto, as perguntas realizadas aos professores foram praticamente as mesmas direcionadas aos alunos:

- 1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?
- 2- Quais são os motivos que o fazem permanecer na escola?
- 3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?
- 4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a freqüenta?
- 5- Por que tu trabalhas na EJA?
- 6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual trabalhas?

Seguirei a mesma organização, fazendo as análises por pergunta realizada.

4.3.1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?

Os professores identificam, como motivos principais para o retorno do aluno para a Escola na modalidade EJA (categoria analisada), o ingresso no mercado de trabalho, a obrigatoriedade por serem menores de idade, sendo esta determinada pela família ou pelo Ministério Público, e a distorção entre a idade e a série. Entre as respostas, também aparece o convívio social: na visão dos professores, os jovens retornam para escola, porque este é um espaço de integração e porque, se o amigo se matriculou, ele fará o mesmo para que o círculo de amizades se mantenha. Isto está dito por M:

Os jovens estiveram afastados por pouco tempo da escola e retornam muito mais pela necessidade de integração social (porque os amigos vão também e eles não querem ficar de fora do grupo) ou por uma obrigação legal. Pouquíssimos vêm em busca do conhecimento. Os que têm este objetivo geralmente são aqueles que já estão inseridos de alguma forma no mundo do trabalho e sentem a necessidade ou exigência de estar na escola.

Nenhum dos entrevistados apontou a busca do conhecimento como causa principal para este retorno do aluno jovem. Também não apontaram esta falta como uma preocupação ou um elemento a ser pensando. A escola é um espaço de construção de saberes, de conceitos, de crítica social e os professores estão neste espaço também para ensinar, no entanto, esta função do educador, segundo eles, não é considerada como a de maior importância pelos alunos.

Quando dizem “Os jovens e adultos, na grande maioria, retornam a escola para conseguirem o certificado em busca do emprego, promoção, concurso público e a minoria para aprender e melhorar a autoestima”, me fazem pensar que o real significado da escola se esvazia e que é o aluno que, sozinho, deve construir a função da escola para si. A instituição escolar não percebe, apesar de todos os sinais (evasão, pichação, agressões, entre outros), que é ela que precisa mostrar para este jovem o quanto pode agregar a vida deste. O certificado que, segundo a percepção dos professores, está posto em primeiro plano, deve ser compreendido como a consequência de

fazer anteriores e não apenas como um objeto que foi adquirido, se o aluno passou pela escola.

A professora L escreveu que “[...] alguns adolescentes ou adultos jovens precisariam de um ensino diferente, pois este modelo atual, ultrapassado, eles não aceitam, não querem, existe uma forte resistência por parte deles e eu sei porque passo por isto muitas vezes”. De todas as entrevistas, somente esta ventila a possibilidade de se pensar uma outra organização de estrutura escolar e, por conseqüência, de currículo. Sobre isto, Carrano (2008) lembra que

Uma possibilidade que vejo para começar a transformar essa situação é a mudança de postura dos educadores para diminuir seu afã em transmitir os conhecimentos que portam, da forma como o fazem, em benefício de prestar mais atenção aos outros conteúdos culturais e linguagens que circulam pelos espaços escolares (p. 160).

Dayrell (2006) diz que, para o aluno, a aula existe somente para aprovação no final de ano. O que os motiva e dá sentido à escola é a nota e os pontos recebidos após realizada a atividade proposta pelo professor. O conteúdo é visto como um meio para se chegar ao fim: passar de ano. De uma certa forma, isto acontece porque esta é a cultura escolar. Isto está validado pelos professores quando dizem que a busca pelo certificado é o maior motivo para o retorno do aluno, ou seja, a escola é apenas um trampolim para se ter acesso ao trabalho.

4.3.2- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto permanecerem na escola?

As respostas a esta pergunta estão relacionadas ao convívio social e ao vínculo estabelecido entre alunos e professores, como escreveu a professora D:

Pela experiência que tive neste ano, permaneceram na escola os que conseguiram estabelecer vínculos de confiança e afetividade, antes mesmo de pensar em aquisição de conhecimento, o que foi uma conseqüência.

Este laço afetivo, para uma professora, se estende também ao conhecimento:

Os que permanecem na escola são os que têm convicção do que buscam, pelos laços de amizade, pelo acolhimento na escola e pelos professores que os incentivam e os ajudam a adquirir conhecimentos (C).

É interessante observar que, nesta pergunta, praticamente todos os professores entrevistados destacaram o lado social da escola como meio de manter os alunos e isto sendo um fator positivo. Mas, no cotidiano de uma sala de professores, por exemplo, esta é justamente a queixa feita por eles quando falam ser um absurdo os alunos virem para a escola, segundo eles, “apenas para se relacionar e não para aprender”.

Conforme Carrano e Martins (2011), a instituição escolar e os professores precisam entender a identidade e os comportamentos dos jovens alunos, que prezam pelas relações, que trazem suas culturas juvenis, que possuem uma linguagem comum, como forma de contribuição na construção de um novo projeto pedagógico, que aproxime professor e aluno, de forma que o processo de aprendizagem, de construção de saberes ocorra, não de forma imposta, mas que a sala de aula seja um espaço de possibilidades e que o conhecimento seja desejado não somente para o certificado, e sim para a vida. Uma Orientadora Educacional escreveu:

[...] o aluno permanece na escola quando encontra nesta um espaço de aprendizagens múltiplas que contemple suas expectativas e seus objetivos de vida. Que “ensine”, além dos conteúdos formais, os conteúdos da vida [...]. (B).

Nesta pergunta uma professora aponta a metodologia e o currículo como elementos positivos para a permanência do aluno na escola:

Currículo e metodologia que leve em consideração o que eles já sabem, pois os valoriza e faz sentirem-se autores do processo de ensino aprendizagem [...]. (R).

4.3.3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?

Se o trabalho é um dos maiores fatores que atrai os alunos para escola, porque precisam da conclusão de sua escolarização, este, conforme os professores, também é um dos grandes fatores de afastamento dos alunos devido ao cansaço pela jornada que têm:

O trabalho, tanto para o jovem como para o adulto pode afastá-lo da escola. O jovem porque quer dinheiro e busca a independência e o adulto porque precisa de horas extras. (G).

Contra-pondo-se à maioria dos pesquisados, uma professora escreveu:

O que afasta o jovem é não terem clareza dos objetivos dos conteúdos, porque estes educandos buscam aplicabilidade aos saberes em estudo, há um desrespeito à sua capacidade e metodologia inadequada [...]. (S).

Outra professora refere que o afastamento existe devido ao histórico de fracasso destes alunos e que

[...] falta a compreensão da equipe e professores. Além disso, as aulas monótonas, a falta de diálogo e a padronização de um perfil de aluno porque não se trabalha com a diversidade. (T).

Percebe-se que, a passos lentos, alguns profissionais já olham para estes alunos de forma diferenciada e fazem a autocrítica no sentido de pensar sobre os seus fazeres e se colocarem também como responsáveis pelo processo. A passos lentos, vão além de certa banalização de um afastamento característico da EJA em que os alunos vão e vêm inúmeras vezes, por múltiplas razões, até conseguirem concluir sua formação ou não.

4.3.4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e para o adulto que a frequenta?

Sobre esta categoria – contribuições da EJA para o educando, algumas respostas também apontam para o convívio social e elevação da autoestima, mas, pela primeira vez, os professores referem a EJA como uma modalidade que possibilita a ampliação da visão de mundo, cidadania e conclusão do Ensino Fundamental em menor tempo. Fica explícito, também, que a qualidade do ensino oferecido é uma preocupação que está relacionada aos diferentes tempos na EJA, conforme escreveu a professora R:

A possibilidade de ampliar sua visão de mundo, de viver novas experiências de autoconhecimento, de ampliar sua rede de relações, conhecer novos espaços e se permitir frequentá-los. A possibilidade de desenvolver autonomia e criticidade e, não menos importante, a conclusão dos estudos com mais brevidade e continuidade da vida escolar.

Nesta categoria, percebe-se que os professores compreendem que o aluno da EJA tem diferenças em função de todo o seu contexto. Sabem, também, que, para estes, os direitos são negados e que a escola pode e deve ser um espaço que os impulse a uma transformação de suas realidades. Conforme escreveu a Professora N, a escola precisa:

[...] mostrar para eles que são capazes, que têm direitos e que este é um espaço importante.

[...] motivar para uma qualidade de vida melhor, o crescimento cultural e a capacidade de modificar sua realidade tendo outra perspectiva de vida.

Mas, lá na sala de aula, permanece o receio de que, às vezes, esta compreensão seja esquecida e a homogeneização, a exigência em relação à cristalização de valores e comportamentos alheios à realidade do educando e em relação à apreensão de conteúdos se sobreponha ao ser humano que ali está. Sobre isto, Carrano e Martins (2011) dizem que, se o aluno está na escola para receber um conhecimento apenas como um produto sem diálogo com o afetivo e o social, a lógica da escola é somente instrumental. Este tratamento dado consolida as desigualdades e as injustiças vividas pelos alunos.

Carrano e Martins (2011) ainda advertem que a prática escolar precisa superar a visão estereotipada de aluno, compreendendo-o como um sujeito histórico, que tem seus valores, desejos, projetos e comportamentos que lhe são próprios. Corroborando com esta afirmação, a professora J escreveu:

A possibilidade de interagir com os profissionais da educação e com o conhecimento já um ponto importante, mas junto com isso vem todo o conhecimento prévio que o aluno traz, suas experiências e que, quando aproveitadas, contribuem grandemente para o crescimento dos alunos.

Também é possível perceber que os professores, assim como os alunos, não veem como contribuição da EJA o conhecimento. Não referem a construção de conceitos, a relação destes com a vida, a promoção da emancipação por aquisição de conhecimento. Logicamente o socioafetivo compõe este currículo, mas não somente.

4.3.5- Por que tu trabalhas na EJA?⁴

Quase que de forma unânime os professores escreveram que trabalham na EJA porque se identificam com a proposta, porque acreditam nos alunos, porque ensinam e aprendem, pela metodologia diferenciada, porque se sentem reconhecidos como profissionais, pelos laços de amizade.

É uma clientela que valoriza o professor. Criamos laços de amizade e o resultado do trabalho é visível. É um retorno que provoca a realização profissional. (P).

Trabalho na EJA porque me identifico com a proposta, pelo conhecimento e troca de experiências com colegas, equipe e assessoria, e com os alunos, porque ensino e aprendo. (L).

Destaco duas respostas que me parecem dizer o que não foi dito ainda ou, se foi, merece ser reforçado.

Sendo verdadeiro, trabalho na EJA para complementar o salário, mas com certeza também porque encontramos no aluno da EJA uma vontade de aprender e valorização profissional que nos alimenta a continuar mesmo com 60h. (R).

Trabalho na EJA porque acredito que pode ser diferente do que é. Porque professor de EJA tem que querer trabalhar com EJA e não só ajeitar a vida pessoal, carga horária etc. Estudo sempre, me atualizo, pesquiso..., mas reproduzir o ensino regular é o que mais vejo. (S).

A primeira resposta sintetiza o que muitos professores pensam e dizem na sala dos professores ou em pequenos grupos. Trabalhar em uma tripla jornada logicamente é desgastante, é cansativo, é perder em qualidade de vida e envolve aumentar a renda mensal diante da desvalorização desta categoria. Mas, não é possível, por conta dos fatores acima, oferecer uma aula mediana a estes alunos ou pensar que, por ser EJA, a qualidade do que é ensinado pode ser menor. Para atuar na EJA, tem que querer, e este desejo, ou não do professor, se evidencia no olhar que este destina aos seus alunos e no modo como os compreende: “[...] sujeitos sócio-culturais, ou seja, sujeitos de experiências sociais que vão reproduzindo e elaborando uma cultura própria” (Dayrell, 2006, p. 159).

4 As respostas a esta pergunta me trouxeram dúvidas a partir do que conheço por ter trabalhado com estes professores em outros espaços. Como, neste momento, represento a Secretaria de Educação, é possível que tenham sentido receio em escrever o que de fato pensam sobre esta questão.

4.3.6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual trabalhas?

Educandos que foram excluídos dos bancos escolares por situações variadas que vão desde a desestruturação familiar até a “falência” do sistema educacional regular, excluídos ainda da sociedade e do mercado de trabalho. Sobreviventes de um sistema capitalista que julga pela aparência, opção sexual, classe social, religião etc... Pessoas que muitas vezes não tem perspectiva nenhuma de melhoria na qualidade de suas vidas e de suas famílias. Enfim, seres humanos tomados por sua condição de insucesso. Porém, ao longo do processo, é nítida a transformação, a autoconfiança e a vontade de vencer e isto é que gratifica e que faz valer a pena. (L).

Os professores caracterizam os alunos da EJA como carentes de conhecimento, afeto, acesso a diferentes bens materiais e imateriais, alimento, como alvo de preconceitos, de falta de inserção política, com problemas familiares, enfim, sujeitos fadados ao fracasso. “Adolescentes que querem aprender sem estudar [...]”. Fico pensando sobre o que é feito com tantas constatações sérias e que impactam na vida destes sujeitos. Novamente temos elementos constitutivos para um currículo de fortalecimento, a partir do qual a superação destas problemáticas pode ser possível, mas, novamente, estas dimensões passam despercebidas e são naturalizadas, como dizem Carrano e Martins (2011).

Os professores identificam estas características nos alunos, mas não falam sobre isso e não se autorizam a utilizar o que estes jovens alunos trazem e manifestam como conhecimento a ser lapidado.

Conclui-se, pois, a partir de tudo o que foi identificado e aprendido com as respostas de alunos e professores, que discutir o currículo é muito mais do que tirar ou colocar conteúdos em uma lista. Esta discussão diz respeito à identidade dos espaços de formação, à ideologia do grupo de formadores e às suas concepções relativamente aos sujeitos educandos e aos acontecimentos das vidas que estão à sua volta. Essa discussão sobre um currículo articulado às culturas juvenis implica em considerar a escola desde as suas dimensões de encontro e de conhecimento – o que envolve apreendê-la em sua dimensão cotidiana e se colocar à escuta da rede de significados produzida pelos sujeitos que habitam a Educação de Jovens e Adultos com as coisas de sua existência, com seu jeito de se produzir, com seus modos de se relacionar com o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, foi possível conhecer as razões históricas, que repercutem ainda hoje e fazem a Educação de Jovens e Adultos ocupar menor espaço nas discussões e ações de políticas públicas estabelecidas pelos governos.

A Educação de Jovens e Adultos, no decorrer da história, passou por momentos de investimento, sendo estes destinados não para o sucesso do sujeito que a recebia, mas para fazer crescer a economia e a riqueza a partir da mão de obra qualificada. Posteriormente, diversos programas, campanhas e planos foram estruturados por diversos governos com a intenção de erradicar o analfabetismo e elevar a escolaridade, porque tal situação era entendida como a responsável pelo não crescimento econômico do país.

Somente na década de 60, os programas são reconstruídos sob a perspectiva emancipatória, tendo como base a proposta de Paulo Freire, a qual discutia as problemáticas sociais e o papel do sujeito enquanto cidadão de direitos. Infelizmente, com o golpe militar, esta proposta, contrária à nova ordem estabelecia, se extingue e novos programas de caráter assistencialista e conservador passam a ser disseminados pelo governo o qual assume as ações educativas.

Após uma grande lacuna de ações para a EJA, na década de 90 os estados e municípios assumem, com o mínimo de financiamento, ações para esta modalidade e as reformulações pedagógicas começam a acontecer. O público que busca a EJA deixa de ser o de uma maioria adulta e trabalhadora, passando para uma maioria de adolescentes com algum tipo de vulnerabilidade social, histórico de repetência e de evasão escolar e comportamentos “inadequados”.

E foi pensando nestes jovens com os quais convivi, no período em que estava como professora da Rede Municipal de Esteio, que estruturei esta pesquisa por identificar as constantes idas e vindas destes jovens para a escola, os quais levavam muito tempo para concluir o Ensino Fundamental.

No convívio com estes jovens e também com seus professores, percebi que sempre, nas discussões, as causas para esta não continuidade dos estudos era relacionada somente a fatores externos e ao próprio aluno. Nunca

se pensava na possibilidade de que o currículo oferecido a estes jovens não dialogava com suas realidades e necessidades a partir do contexto social em que estavam inseridos.

Assim, esta pesquisa me possibilitou uma maior aproximação com estes jovens e conhecer o que pensam sobre o espaço escolar. O grande desejo de todos é concluir o Ensino Fundamental com mais rapidez para recuperar o tempo perdido e “melhorar de vida”, como dizem, mas, ao mesmo tempo, se mostram displicentes com os seus fazeres na escola – o que inquieta os professores, levando-os a perceber estes jovens como simplesmente desinteressados pelo ato de aprender. Para compreender este movimento, busquei subsídios em Juarez Dayrell que fala sobre a ausência de diálogo entre o conhecimento a ser ensinado e a cultura de origem do aluno, não sendo estabelecidas relações entre o que se aprende e o que já se conhece.

Mesmo sabedores da necessidade de terem este conhecimento formal, os jovens vêm a escola como um grande espaço social e este é um dos motivos que o fazem permanecer. É a constituição dos grupos e a identificação com estes, a convivência e os colegas, os elementos que surgem na pesquisa como fatores de motivação para estarem na escola.

Conforme a pesquisa, são inúmeros os motivos para o afastamento do jovem aluno: o cansaço após um dia de trabalho, o desinteresse, as intimidações, o cotidiano perverso em que vivem, o não conseguir aprender e o distanciamento entre os saberes escolares e não escolares. Concluo que estes precisam ser os primeiros elementos constitutivos de um currículo adequado para os adolescentes que estão na EJA.

Estendendo a pesquisa aos professores, foi interessante perceber que estes têm as mesmas percepções dos alunos: a escola é um espaço de vínculos e de convivência, a EJA é a possibilidade de conclusão mais rápida do Ensino Fundamental, também percebem o desinteresse, a não continuidade, mas não reconhecem o cotidiano deste jovem como currículo. Se apoiam em uma organização de conhecimento baseada em décadas passadas, enxergam o aluno indo embora da escola ou sendo expulso por ela, mas não conseguem pensar em uma reorganização de tempos, espaços e conteúdos que possibilite

a estes sujeitos ampliar sua visão de mundo, fazer valer seus direitos, sendo também responsáveis por seus deveres.

Os alunos vêem como principal contribuição da EJA em suas vidas a melhora nos relacionamentos interpessoais – o que também é importante, visto que a escola está para aprimorar as habilidades de humanização dos sujeitos, conforme Juarez Dayrell, sem esquecer ou secundarizar o conhecimento, o qual também é uma preocupação dos alunos e dos professores.

Os professores compreendem que o aluno da EJA tem suas diferenças em relação ao aluno que está no “ensino regular”, dizem atuar na EJA por acreditarem na proposta, nos alunos, na metodologia. Ficam as dúvidas sobre o quanto, na sala de aula, esta compreensão é lembrada, rompendo com a homogeneização dos alunos, os valores cristalizados e os saberes descontextualizados – o que pode vir a ser objeto de nova pesquisa na qual sejam incluídas experiências de maior aproximação do trabalho que está sendo efetivamente desenvolvido na sala de aula pela via da observação. Cabe lembrar, a este respeito, que Paulo Carrano e Luís Henrique Martins falam que, se não houver o diálogo com o afetivo e o social, a escola se torna apenas instrumental e consolida, assim, as desigualdades vividas pelos alunos.

O que fica evidente nesta pesquisa é que muitos avanços são necessários. A instituição escola anda a passos lentos e é uma ilha posta em comunidades com as quais não dialoga. Gestores, professores e alunos cumprem dias letivos, seguem calendários, executam o que está posto sem qualquer tipo de inovação.

Conforme a pesquisa demonstrou, as vidas tanto de alunos como de professores, às vezes, são deixadas fora dos muros da escola. Lá dentro, a formalização, contrária ao reconhecimento das culturas juvenis, conforme aponta Paulo Carrano e conforme os dados da pesquisa que realizei, faz com que tais culturas fiquem veladas, inexistentes e desconhecidas.

Mas e o currículo? Ele é tudo isto, tudo o que não é dito, tudo o que silenciado. Em todas as entrevistas, este tema de minha pesquisa não aparece como relevante, embora tenha uma função de importância incontestável e seja o que perpassa todo o planejamento, todas as propostas e intenções de uma escola.

Esta pesquisa teve como intenção algum tipo de intervenção na realidade investigada, portanto, estes dados e conclusões serão devolvidos para alunos, professores e gestores de forma a provocá-los a desvelar a concretude que está diante de todos e a executar um planejamento efetivo e dialogado com os alunos e com suas comunidades para a construção de um currículo emancipador, humano e propulsor de transformações em sua vidas.

REFERÊNCIAS

Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre. **Falando de Nós: O SEJA – Pesquisa Participante em Educação de Jovens e Adultos**. Porto Alegre: Ed da Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1998. 215 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A pesquisa participante na docência: a busca do diálogo na construção do conhecimento. Texto digitalizado. 12 p. Disponível em WWW.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/pde/texto_pesquisa.pdf

BRASIL. Parecer CEB nº 11/2000, de 10 de maio de 2000. Relator: Carlos Roberto Jamil Cury.

BRASIL. Parecer CEED nº 110/2001, de 16 de fevereiro de 2004. Regimento Parcial para Educação de Jovens de Adultos. Presidente: Vera Luiza Rübenich Zanchet.

BRASIL. Parecer CME nº 11/2010, de 13 de novembro de 2010. Regimento Padrão da Educação de Jovens e Adultos. Presidente: Silvia Maria Heissler.

CARRANO, Paulo C. R. Identidades juvenis e escola. In: VÓVIO, Cláudia L. & IRELAND, Timothy D. (orgs.). **Construção coletiva: contribuições à educação de jovens e adultos**. 2. Ed. Brasília: UNESCO, MEC, RAAB, 2008. (Coleção Educação para Todos; 3). p. 153-164.

CARRANO, Paulo. C. & MARTINS, Carlos Henrique S. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. **Revista Educação (UFSM)**, v. 36, n. 1, jan./abr. 2011. 14 p. Texto digitalizado.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Legislação educacional brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2000. 120p.

DAYRELL, Juarez Tarcisio. A escola como espaço sócio-cultural. In: DAYRELL, Juarez Tarcisio (org.). **Múltiplos olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. P. 136-161.

EUGENIO, Benedito Gonçalves. O currículo na Educação de Jovens e Adultos: entre o formal e o cotidiano numa escola municipal em Belo Horizonte: 2004. Disponível em http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Educacao_EugenioBG_1.pdf Acesso em 25 de setembro de 2011.

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa e SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs.). Trad. de Maria Aparecida Baptista. **Currículo, cultura e sociedade**. 11. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SANT' ANNA, Sita Mara Lopes. **Efeitos de sentidos nas perguntas dos professores da Educação de Jovens e Adultos.** Proposta de Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, Programa de Pós Graduação em Educação-PPGEDU, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

ANEXOS

ANEXO I
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO PRISIONAL

Porto Alegre, ____ de _____ de 2011.

SENHOR/A DIRETOR/A:

Ao cumprimentá-lo/a apresentamos a V.Sa. a aluna **Liége Teixeira**, pertencente ao **Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade**, regularmente matriculada, e, ao mesmo tempo, solicitamos permissão para que possa realizar uma pesquisa nesta instituição.

Tal trabalho é de caráter obrigatório na programação do Curso e visa, fundamentalmente, a oportunizar um contato com o cotidiano educacional numa instituição escolar.

Vale mencionar que o comprometimento tanto da instituição como da aluna que ora se apresenta é de respeitar os valores éticos que permeiam esse tipo de trabalho. Desta forma, informamos que quaisquer dados obtidos junto a esta instituição estarão sob sigilo ético.

Considerando a importância desta oportunidade de aproximação do trabalho e da realidade educacional no que tange à Educação de Jovens e Adultos para a formação da aluna, esperamos contar com a disponibilidade desta instituição para a concretização dessa proposta de trabalho.

Desde já agradecemos sua atenção e colocamo-nos à disposição para outros esclarecimentos e eventuais dúvidas.

Cordialmente,

Dóris Maria Luzzardi Fiss
Professora do Curso de Especialização/UFRGS

Pesquisador/a Nome: Liége Teixeira Endereço eletrônico: liegeeja@gmail.com	Telefone: (51)91241431
Orientadora: Dóris Maria Luzzardi Fiss Endereço eletrônico: fiss.doris@gmail.com	Telefone: (51)91446742

ANEXO II

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

Nome da Instituição: _____

Nome do/a Diretor/a: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Fone: _____

TERMO DE CONCORDÂNCIA DA INSTITUIÇÃO

O Projeto de Pesquisa *Currículo e Identidades Discentes na EJA Adolescente* tem como objetivo investigar o currículo na EJA, sendo ele um possível elemento para que os alunos não permaneçam na escola até concluir o Ensino Fundamental. Com os resultados deste trabalho, pretende-se desenvolver um projeto-piloto em uma comunidade, onde não há escolas que ofereçam esta modalidade, com uma nova organização curricular, possibilitando aos jovens tornarem-se agentes de mudança em seus cotidianos, e à escola, uma referência positiva na construção do saber coletivo. A participação no projeto envolve responder uma entrevista semi-estruturada aplicada pela pesquisadora de forma individual e anônima, com perguntas relacionadas ao tema em estudo.

Solicito sua autorização para o uso das informações concedidas nas entrevistas.

Fica garantido o bom uso das informações para o avanço do conhecimento e o bem-estar das pessoas, assim como a confidencialidade e manutenção do anonimato dos sujeitos entrevistados, na eventual divulgação dos resultados.

Sendo assim, a direção está ciente das condições para que a aluna **Liége Teixeira**, regularmente matriculada no **Curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos e Educação de Privados de Liberdade** da UFRGS, realize sua prática de pesquisa nesta instituição e concorda com elas.

ASSINATURA DO(A) DIRETOR(A)

DATA: ____/____/____

CARIMBO/INSTITUIÇÃO

ANEXO III
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

Porto Alegre, ___ de _____ de 2011.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E INFORMADO

O Projeto de Pesquisa *Currículo e Identidades Discentes na EJAdeolente* tem como objetivo investigar o currículo na EJA, sendo ele um possível elemento para que os alunos não permaneçam na escola até concluir o Ensino Fundamental. Com os resultados deste trabalho, pretende-se desenvolver um projeto-piloto em uma comunidade, onde não há escolas que ofereçam esta modalidade, com uma nova organização curricular, possibilitando aos jovens tornarem-se agentes de mudança em seus cotidianos, e à escola, uma referência positiva na construção do saber coletivo. A participação no projeto envolve responder uma entrevista semi-estruturada aplicada pela pesquisadora de forma individual e anônima, com perguntas relacionadas ao tema em estudo.

Fica garantido o bom uso das informações para o avanço do conhecimento e o bem-estar das pessoas, assim como a confidencialidade e manutenção do anonimato dos sujeitos entrevistados, na eventual divulgação dos resultados.

Diante do exposto, ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos pertinentes. Portanto, eu, _____, fui suficientemente informado a respeito da pesquisa, tendo discutido com Liége Teixeira sobre a minha decisão em participar dessa investigação e concordo voluntariamente em consentir a minha participação, sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou prejuízos.

Nome e assinatura do participante

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária este consentimento livre e informado, para a participação dessa pessoa neste estudo.

Liége Teixeira- responsável pela pesquisa

APÊNDICES

APÊNDICE I
PRODUÇÃO DAS ESCOLAS

E. M. E. K. J.



PROGRAMA AÇÃO INTEGRADA PARA ADOLESCENTES E ADULTOS.

2011

POR QUE EU VIM PARAR NO EJA?

- Porque perdemos muito tempo da vida escolar e este horário facilita para aqueles que querem trabalhar durante o dia. Devido também a necessidade profissional (buscar emprego ou mantê-lo).
- Porque muitos levaram as coisas na brincadeira e não temos mais idade para estar no diurno.

“ E aí a gente acorda para terminar o ensino fundamental mais rápido”.

O QUE MANTÉM O ALUNO NA ESCOLA?

- Necessidade de concluir o ensino fundamental e médio.
- A qualificação profissional.
- Respeito entre os colegas.
- Postura dos colegas e professores.
- E os professores que nos incentivam a continuar e acreditam nos alunos.

O QUE AFASTA O ALUNO DA ESCOLA?

- **Adolescentes:** Festas, preguiça, frio, rotina de trabalho(alguns), alguns colegas que vem para escola para brincar e a forma que alguns professores tratam os alunos.
- **Adultos:** Rotina de trabalho, família e turmas heterogêneas.

NO QUE O EJA CONTRIBUI PARA NOSSA VIDA?

- No nosso conhecimento; revigora e potencializa nossa auto-estima e troca de vivências.
- Contribui nos relacionamentos(familiares e profissionais), fortalece a cidadania, socialização e respeito entre as pessoas e a natureza.

ALUNOS REPRESENTANTES:

- Turma A: T. A. e D. S.
- Turma B: J. E. e A. S.
- Adultos: R. R. e L. F.

E. M. O. A.
ENCONTRO DE LÍDERES DE TURMA - EJA
14.07.2011

Programa Integrar – Etapas Iniciais – Etapas Finais



1. Por que vim estudar na EJA?

PEDAGÓGICO (ESCOLA X PROFESSORES X ESTRUTURA X ENSINO-APRENDIZAGEM)

- - Para ler e escrever;
- - Aprender mais, o que realmente interessa;
- - Querer estudar, esta é a maneira de fazer isso com pessoas ± da mesma idade (oportunidade ímpar para as pessoas de mais idade); Porque além de ser mais dinâmico, mais rápido para terminar o Ensino Fundamental (tempo menor), facilita para que a gente possa trabalhar de dia;
- - Para concluir os estudos (Ensino Fundamental), porque estamos atrasados e queremos fazer uma faculdade, a fim de conseguir um bom serviço;
- - Na EJA há possibilidade de continuação dos estudos;
- - Distorção idade x série;
- - Maior conhecimento geral;
- - Não gostar de acordar cedo.

1. Por que vim estudar na EJA?

EMOCIONAL (FOCO NO ALUNO X AUTO-ESTIMA X SUPERAÇÃO)

- - Para recuperar o tempo perdido;
- - Tem pessoas que trabalham e tem filhos e o horário da noite é uma possibilidade;
- - Pessoas mais sérias que no dia (mais madura);
- - Realização Pessoal.

SOCIAL (FAMÍLIA X SOCIEDADE X MERCADO DE TRABALHO)

- - Precisa para exigências do trabalho (maiores possibilidades);
- - Com o estudo, tudo fica mais fácil;
- - Para poder trabalhar durante o dia (oportunidade), concluindo os estudos e conseguindo um bom serviço;
- - Para ter um futuro melhor;
- - Porque é mais fácil (o estudo);
- - Teve que trabalhar muito cedo e não teve oportunidade de estudar no tempo certo.

2. O que mantém o aluno na escola?

PEDAGÓGICO (ESCOLA X PROFESSORES X ESTRUTURA X ENSINO-APRENDIZAGEM)

- - A aprendizagem, tudo aquilo que já aprenderam e estão aprendendo os motiva para retornarem a escola;
- - A merenda/janta que é muito gostosa/boa;
- - O prazer de aprender cada vez mais;
- - Professores exigentes, O interesse dos professores para que os alunos possam progredir;
- - O desempenho;
- - Trabalhos propostos pelos professores;
- - A preocupação que os professores têm com os alunos;
- - Boa estrutura escolar;
- - Aprendizagem diferenciada, Conteúdos importantes;
- - Compactação das séries em semestre;
- - A importância do estudo por disciplina/matricula por disciplina;
- - O objetivo de terminar o Ensino Fundamental, o fato de ser gratuito e a formação em menor tempo.

2. O que mantém o aluno na escola?

EMOCIONAL (FOCO NO ALUNO X AUTO-ESTIMA X SUPERAÇÃO)

- - *O respeito, a atenção, o carinho de todos com eles (alunos);*
- - *Interesse que os alunos sentem dos professores e da equipe diretiva;*
- - *Harmonia na sala de aula (alunos e professores);*
- - *Força de vontade de alcançar objetivos, interesse em concluir os estudos;*
- - *Amizades;*
- - *O interesse de ser alguém na vida;*
- - *Para ter uma vida melhor;*
- - *Força de vontade; Professora; Coleguismo; Persistência.*

SOCIAL (FAMÍLIA X SOCIEDADE X MERCADO DE TRABALHO)

- - *Emprego (exigência pelo estudo);*
- - *Os pais (família) obrigam;*
- - *Deixar a família orgulhosa;*
- - *Ter melhores oportunidades de trabalho (concluir os estudos e se preparar para o mercado de trabalho).*

3. O que afasta o aluno da escola?

PEDAGÓGICO

(ESCOLA X PROFESSORES X ESTRUTURA X ENSINO-APRENDIZAGEM)

- - *Discórdia na sala de aula;*
- - *Desinteresse de alguns professores e colegas de aula;*
- - *Horário atrapalha quem trabalha até mais tarde;*
- - *O cumprimento dos alunos quanto as regras da Escola;*
- - *Aulas monótonas e professor “chato”;*
- - *Não ter local para fumar (fumódromo);*
- - *Deveria ter um ensino mais diferenciado.*

3. O que afasta o aluno da escola?

EMOCIONAL

(FOCO NO ALUNO X AUTO-ESTIMA X SUPERAÇÃO)

- - *Falta de respeito; Falta de compromisso; Falta de disciplina; Falta de Persistência (vontade de estudar);*
- - *Alunos sem objetivos, só pensam em festas;*
- - *Alunos mais velhos são ridicularizados pelos mais novos;*
- - *Falta de vontade, bullying, bagunça em sala de aula;*
- - *Desinteresse do aluno que não quer nada com nada, não quer estudar, alunos que vêm por obrigação e só brincam e bagunçam, atrapalhando quem quer estudar;*
- - *Conflitos com alunos (briga entre gangues);*
- - *Problemas pessoais, cansaço do trabalho;*
- - *Discórdia na sala de aula.*

3. O que afasta o aluno da escola?

SOCIAL (FAMÍLIA X SOCIEDADE X MERCADO DE TRABALHO)

- - *O frio (inverno), o trabalho em grande maioria (horário, distância, cansaço, hora-extra), a indisciplina dos alunos (alguns) na escola, principalmente jovens (pátio, banheiros...), dias chuvosos, problemas familiares;*
- - *Falta de passagem para os que moram distante (falta de dinheiro e transporte);*
- - *Doença de familiares;*
- - *Más companhias;*
- - *Intimidações;*
- - *O tráfico, as drogas;*
- - *Desinteresse dos pais em cuidar e participar junto com os filhos para a escola (estrutura familiar);*
- - *A falta de persistência, falta de interesse, falta de incentivo da família.*

4. O que a EJA contribui para a nossa vida?

PEDAGÓGICO

(ESCOLA X PROFESSORES X ESTRUTURA X ENSINO-APRENDIZAGEM)

- - *Levar experiência de sala de aula para dentro de casa;*
- - *Contribui dando outra chance para voltar a estudar a quem parou ou não pode estudar;*
- - *O conhecimento, aprendido;*
- - *Os estudos, pois não precisa estudar o ano todo para aprender a mesma coisa;*
- - *A oportunidade que temos de terminar mais rápido e o fato do aluno avançar sem ter que repetir as disciplinas em que conseguiu aprovação;*
- - *Ajuda-nos a conhecer a realidade do mundo;*
- - *Educação, consciência política, formação dos valores e valorização dos diferentes potenciais;*
- - *Contribui no melhor aproveitamento cultural; Novas oportunidades profissionais.*

- **Sugestão:** *Incluir o EJA do Ensino Médio.*

4. O que a EJA contribui para a nossa vida?

EMOCIONAL (FOCO NO ALUNO X AUTO-ESTIMA X SUPERAÇÃO)

- - *“O EJA é a luz que ilumina nossos olhos.” A integração e o companheirismo com todo o grupo. As aprendizagens... Os empregos conquistados;*
- - *“Me dá vontade de viver mais e de aprender mais.”*
- - *Oportunidade de voltar a estudar;*
- - *Ter mais amigos (Círculo de Amizades);*
- - *Ter mais confiança em si próprio, aumentando a autoestima;*
- - *Crescimento para a vida, concretização dos sonhos,*
- - *Recuperar o tempo perdido, perspectiva de um futuro melhor.*

SOCIAL (FAMÍLIA X SOCIEDADE X MERCADO DE TRABALHO)

- - *Para ajudar os netos;*
- - *Para buscar trabalho melhor e uma vida saudável (qualidade de vida = se receber melhor tem uma vida mais tranqüila e saudável);*
- - *Novas oportunidades de trabalho (melhor emprego);*
- - *Melhorar convivência, troca de experiências;*
- - *Contribui para os alunos não ficarem na rua e ficarem longe das drogas...;*
- - *Convivência com diversas “tribos”.*

“O nosso muito obrigado pela acolhida, pela escuta e olhar diferenciado com a Educação de Jovens e Adultos.”

*“Não há saber mais ou saber menos:
há saberes diferentes.”*

Paulo Freire

Alunos da EJA



E. M. S. I

**ENCONTRO DE REPRESENTANTES DE
TURMA**

2011

1. Por que vim estudar na EJA?

Por que tenho outras atividades durante o dia (trabalho, família);
Necessidade de terminar os estudos;
Projetos para o futuro;
Continuar a estudar depois do EJA;
Por que quero ser alguém na vida;
Para completar os estudos e poder me formar;
Para avançar nas séries;
Para compensar os anos perdidos;
Por que é mais fácil para terminar os estudos;
Para terminar mais rápido;
Para recuperar o tempo que perdeu;
Para concluir o ensino fundamental;
Para avançar mais rápido;
Por que a grande maioria dos alunos trabalha durante o dia;
Para alcançar seus objetivos;

(...)

Para alcançar alguma posição de trabalho;
Para ser alguém na vida;
Para acabar mais cedo os estudos;
Para recuperar os anos perdidos;
Para completar os estudos e trabalhar;
Para aprender mais;
Para terminar os estudos com qualidade e rapidez;
Uma oportunidade para os analfabetos e a terceira idade;
Para concluir o estudo que ficou pendente;
Para interagir com colegas (fazer amizades);
Para renovar os conhecimentos;
Para agilidade na conclusão do ensino fundamental e pela semelhança de faixa dos alunos do Integrar;
Por que fui selecionado; repeti muito de ano, não estou com idade adequada para a minha série.
Por que faltou interesse quando eu deveria estudar;
Por que tem pessoas mais velhas;
Por que não tive tempo nem oportunidade quando jovem;

(...)

Para “arrumar” serviço;

Por que tem pessoas mais velhas;

Por que não tive tempo nem oportunidade quando jovem;

Antes não gostava de estudar; agora aprendeu a gostar;

Tive que cuidar dos filhos e sempre tive vontade de estudar;

Por que é mais fácil passar;

2. O que mantém o aluno da EJA na escola?

Incentivo dos professores;

Jeito de dar aula que atrai os alunos;

Conversas, brincadeiras, alegria dos colegas;

As pessoas, os professores;

As amizades e a vontade de estudar;

Para aprender mais com os professores;

Os professores;

Os estudos e a matéria;

Os estudos;

Para aprender no dia-a-dia cada vez mais;

Os estudos e o conhecimento;

O crescimento para o meu futuro;

Para meu conhecimento da vida material;

Vontade de se formar, ser alguém formado com mais estudo e conhecimento;

Chegar no 2º grau;

Os colegas, professores e até a alimentação;

(...)

Os portões que mantêm o aluno na escola;

Vontade de aprender, sua vontade e coragem;

Os professores (quando estudava de dia os professores humilhavam – obrigavam a fazer o que não queria) Hoje, os professores preocupam-se com os alunos se estão aprendendo, as disciplinas Matemática, entre outras;

A janta da escola;

Somos respeitados como adultos!!

O caderno de ocorrência e os encaminhamentos da Equipe Diretiva são positivos;

Escola adequada para deficiente;

Estrutura boa com limpeza;

Convívio social, ambiente agradável;

A professora é muito companheira;

A nossa força de vontade;

A grande dificuldade de se manter no trabalho;

(...)

Pressão familiar;

Possibilidade de avançar para uma outra série ou outro nível de ensino;

Gostar de estudar;

Querer aprender;

Planejamento pessoal, ter sonhos e persistência;

3. O que afasta o aluno da EJA?

Aluno que atrapalha o rendimento de outros alunos (brigas);

Alunos que só vem para atrapalhar (drogas);

Intrigas, confusões;

A falta de respeito de alguns colegas;

Nada. Por que gosto de estudar;

As más companhias;

Nada me afasta;

O trabalho;

Nada;

O serviço;

O trabalho;

O trabalho;

Tal comportamento de alguns professores, além do cansaço do dia-a-dia, e em muitos casos é a preguiça;

Salas lotadas, bagunça, brigas, insegurança, falta de esforço, problemas familiares e pessoais;

(...)

Falta de tempo, gravidez, preguiça, frio, ficar em casa olhando TV;

Falta de incentivo;

Namoro, festas, quem mora longe, problemas de saúde;

Para quem mora longe é perigoso, as drogas, as companhias, tem pessoas que acham que vão conseguir emprego sem estudar, bebidas, aulas chatas;

Sobrecarga de trabalho;

Cansaço;

Às vezes, falta de apoio da família;

Alguns, é falta de interesse;

Turno manhã, desinteresse;

Falta de tempo;

Falta de interesse;

Falta de objetivos;

Por que não conseguem aprender;

Falta de esforço;

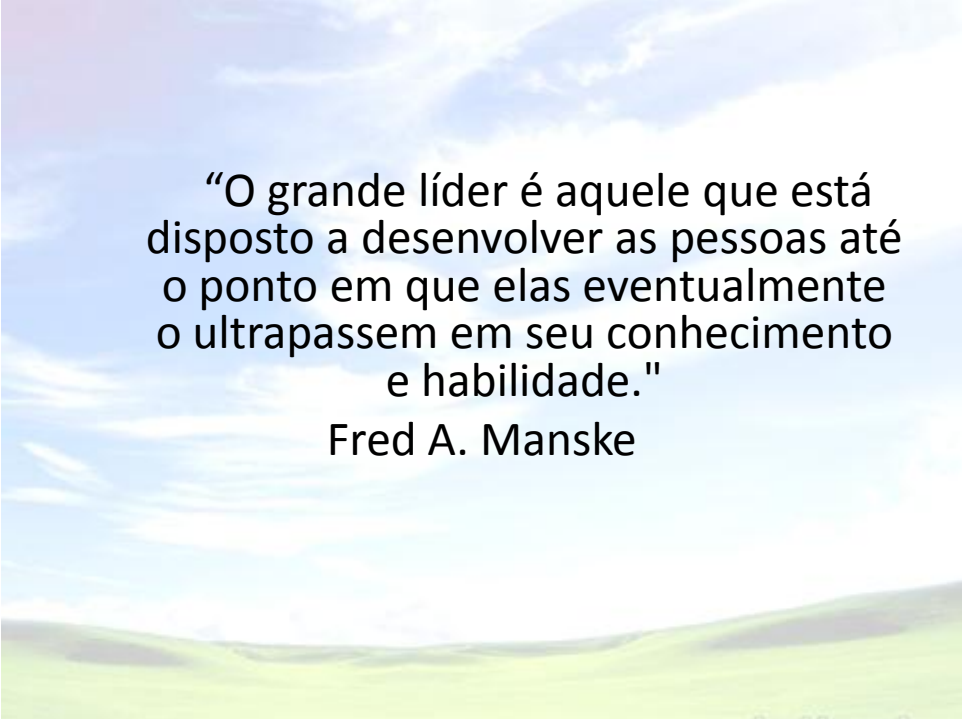
Por que estavam vindo só para brincar;

4. No que o EJA contribui para a nossa vida?

Ajuda as pessoas a voltarem a estudar;
Ajuda a organizar a vida das pessoas;
Ajuda a terminarem os estudos e fazer novos amigos;
Troca de experiências;
Ajuda a conseguir um trabalho melhor;
O crescimento e o conhecimento;
O conhecimento e a chance de ser alguém;
Aprendizagem para o futuro;
O conhecimento junto com os professores;
O conhecimento para vida;
O crescimento;
Conhecer pessoas novas;
O aprendizado e o conhecimento para a vida;
O aprendizado para o futuro;
Ajuda a recuperar o tempo perdido, facilitando o aprendizado de certos alunos, de jovens a idosos;

(...)

Futuro melhor, um bom emprego, boa oportunidade de seguir uma vida profissional, ter um pensamento criativo, uma oportunidade para errarmos, fazer novas amizades, educação e convívio com os mais velhos, mostrar o melhor de cada um;
Um conhecimento e aprendizagem, conhecer a evolução da ciência e do mundo, conhecer outras coisas, na história, que nunca imaginávamos;
Contribui com a nossa aprendizagem;
Amplia a rede de relações;
Solidariedade entre os colegas;
Melhora a auto-estima;
Facilita a obtenção de emprego ou permanência no mercado de trabalho;
Recuperar o tempo perdido, aprender a não perder mais tempo na vida e concluir o Ensino Fundamental;
Se comunicar melhor com as pessoas;
Não depender dos outros para algumas opções;
Autonomia nas atividades do dia-a-dia (banco, por exemplo);
Ações independentes;
Ajudar e colaborar com os outros;
Ser uma pessoa mais calma;
Se relacionar com segurança e ser espontâneo;



“O grande líder é aquele que está disposto a desenvolver as pessoas até o ponto em que elas eventualmente o ultrapassem em seu conhecimento e habilidade.”

Fred A. Manske

E. M. E. F. M. L. A. H
EJA 2011



**ENCONTRO COM
REPRESENTANTES DE
TURMAS**





Por que vim estudar na EJA?

- Trabalho durante o dia
- Aprender mais
- Ajudar os filhos nos deveres de casa
- Realizar-se como pessoa
- Falta de oportunidade no passado
- Dificuldades de acesso
- Terminar os estudos, para oportunidade de trabalho
- Metodologia diferente



O que mantém o aluno da EJA na escola?

- Precisamos terminar o ensino fundamental
- Melhorar conhecimento
- Convívio com colegas e professores, trocando ideias e vontade de aprender
- Apoio, incentivo e contribuição dos professores
- Oportunidades que surgirão
- Concorrência no mercado de trabalho
- Maturidade das pessoas e paciência dos professores
- Todos se ajudam e são responsáveis
- Possibilidade de avançar no meio do ano
- Gostar de estudar a noite
- Maturidade dos alunos
- Educação Física é melhor
- Alcançar sonhos e objetivos

O que afasta o aluno da EJA na escola?

- Problemas familiares
- Doenças
- Em função do trabalho
- Falta de educação de alguns colegas, com alunos e professores
- Cansaço, após o dia de trabalho
- Falta de quem cuida dos filhos e apoio do marido
- Medo da violência
- Falta de segurança
- Falta de interesse
- Permanecer durante muitos anos na escola
- Projetos pessoais
- Por causa de drogas e brigas

No que a EJA contribui para a nossa vida?

- Uma chance que a gente tem para terminar o ensino fundamental, mais rápido e conseguir um emprego melhor
- Traz mais confiança e esperança de um futuro melhor
- Realização pessoal
- Espaço que acontece trocas entre colegas com mesmos ideais
- Oportuniza a recuperação do tempo perdido
- Diferença de idades, possibilita a troca de conhecimento e experiências, ampliando a cultura
- O relacionamento com pessoas diferentes melhora a expressão e nos ensina respeitar a diversidade
- Amplia o conhecimento e diálogo nas relações
- O turno é bom
- Bons rendimentos escolares
- Segunda chance para nós

APÊNDICE II

ENTREVISTAS COM PROFESSORES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a) A. T. S.

1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?

Eu creio que os jovens, porque ao tentarem entrar no meio do trabalho entendem que oportunidades são para os que em mais estudo e também porque os pais são cobrados (às vezes pela promotoria...) para que os filhos permaneçam na escola. Os adultos (creio que entre 25 a 40 anos) procuram a escola como fonte de melhoria de renda, a empresa exige, busca do diploma... Os mais idosos procuram uma realização pessoal, a busca de um “tempo perdido”, não há uma preocupação em avançar, “pegar o canudo”, e sim em aprender.

2- Quais são os motivos o fazem permanecer na escola?

Acredito que os motivos que citei sobre o retorno dos alunos é muito semelhante ao da permanência dele na escola.

3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?

No meu entendimento não ir com frequência, faz com que “aquela preguiça” os desanime. Os nossos alunos de séries iniciais pouco faltam, eles estão focados no que querem. Os que faltam e faltam e faltam... e acabam evadindo.

A minha colega Rose, falou algo que me faz refletir:

“ a sequência de fracassos é tão grande, que por vezes é melhor desistir, pois será uma forma de não admitir (só que na nossa visão este aluno tem condições, porém ele se minimiza devido sua auto-estima estar muito baixa.

4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequenta?

Apesar de não serem todos, vejo na nossa escola um time de professores preocupados em fazer algo pelos alunos. Sei que é pouco.

Eu sugeriria um curso (oficina talvez) que certificasse os alunos (jovens que ainda não trabalham poderiam fazer no turno da tarde- tipos SENAI – então para participar dessa oficina que teria como parceiras uma empresas que poderia estar pagando uma bolsa mediante a frequência do aluno ou oportunizando um “estágio para possível contratação”.

5- Por que tu trabalhas na EJA?

Trabalhar na EJA é uma forma de contribuir com a formação de jovens e adultos, é estimular a nós mesmos a novos desafios, pois sempre será diferente dos desafios de turmas seriadas, de jovens que não possuem a sobrecarga de trabalhar e estudar. Não me sinto cansada em ter que fazer o terceiro turno nessa situação, ainda mais que sei que meus alunos vão para escola porque querem aprender.

6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?

Como pessoas esforçadas, sofridas por uma infância que pouco ou nada tiveram de estudo. Pessoas com grandes dificuldades de assimilar o que aprendem. Alguns alunos com necessidades especiais. Nem por isso se dão por vencidas.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a) B.

1. O jovem: muitos são "obrigados" pela família e por serem menores, pela oportunidade de concluírem o ensino fundamental. necessidade de iniciarem no mercado de trabalho.

O adulto: espaço de convivência, busca de novos conhecimentos, oportunidade de concluir o ensino fundamental, "cobrança" no meio profissional, oportunidade de emprego ou novas oportunidades de emprego ou cargo/função e ainda busca da auto-estima.

2. Quando possuem um objetivo de vida, são incentivados pela família, possuem interesse, determinação, auto-confiança e persistência. Quando encontram na escola espaço de aprendizagens múltiplas, que contemple suas perspectivas, seus objetivos de vida. Que "ensine" além dos conteúdos formais, os conteúdos de VIDA!!!! Um espaço onde todos possam ser agentes do processo de aprendizagem, onde os valores básicos de convivência, respeito e cidadania sejam direitos e deveres constantes na rotina de vida de cada um. Onde ensinar e aprender possam ser um exercício constante de ação-reflexão-ação. Que as pessoas envolvidas no processo possam ser comprometidas e acreditar no que faz e para quem faz!!!!

3. Falta de objetivos de vida, falta de incentivo da família, questões subjetivas de cada um, históricos de fracassos, falta de compreensão do "sistema"(equipe-professores), aulas monótonas, falta de diálogo, padronizar um perfil de aluno e não trabalhar com a diversidade, enfim, falta investir nas possibilidades de si, do outro e na capacidade de superação e de aprendizagem de cada um.

4. Oportunizar que o aluno fora da faixa etária conclua o ensino fundamental, num espaço mais curto de tempo, não deixando de haver qualidade no ensino. Que aluno estude e possa cumprir seu horário de trabalho.

5. Já trabalho na Eja a algum tempo...12 anos...talvez agora estou começando a aprender algumas coisas, diploma de graduação, de especialização, estão guardados juntos com a fotos da cerimônia de conclusão dos cursos, pois o conhecimento, este só é FATO quando estemos no dia-a-dia. Hoje estou na EJA porque acredito no meu trabalho, mas antes disto outras pessoas acreditaram. Quando me refiro em acreditar é esta a trajetória que espero da relação ESCOLA-ALUNO, assim como eu, iniciei um trabalho sem muita direção e com o tempo, com ESTÍMULOS próprios e externos fui adquirindo experiência e simplesmente me comprometendo com o meu trabalho que simplesmente valorizo muito e amo o que faço.

6. Pessoas que precisam aprender algumas coisas com nós e nós algumas coisas com elas!!!!!! Esta frase traduz todos os meus sentimentos e carinho com meus alunos e profissionais da EJA.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a) C.

1. Quando conscientes da necessidade da formação para suas vidas. A cidadania se completa com a conclusão dos estudos, pois as oportunidades de trabalho se ampliam.
2. A motivação. Encontrar na escola alguma coisa que pensou buscar. Às vezes, o apoio de um grupo que se fortalece com interesses afins.
3. Pode ocorrer o cansaço em virtude da jornada de trabalho que influencia bastante no afastamento. A escolha fica com a atividade que produz para o sustento. Outro fator que provoca a desistência acontece quando o aluno não encontra nada que acrescente em sua vida, pois as atividades propostas são apresentadas diferentes de sua realidade.
4. A EJA deve contribuir refletindo situações que proporcionem aos alunos a criticidade e a busca da cidadania.
5. É uma clientela que valoriza o professor. Criamos laços de amizade e o resultado do trabalho é visível. Retorno que provoca a realização profissional.
6. Insistente na busca de conhecimento;
Alvo de preconceito:
Felizes com a oportunidade de estudar.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a) C.

Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?
Busca de melhores empregos, convívio com os colegas, (menores) bolsa família e conselho tutelar.

Quais são os motivos o fazem permanecer na escola?
Esperança de uma vida melhor, convívio com os colegas, se sentem bem.

3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?
Dificuldade de aprendizagem, gozação, briga, trabalho.

4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequenta?
Uma visão de mundo mais ampla, como conviver em sociedade, esperança de continuar os estudos.

5- Porque tu trabalhas na EJA?
Porque eu acredito que sempre é tempo de mudar, que qualquer um pode aprender, que só não pode evoluir quem já está morto.

6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?
Carente. Carente de carinho, de conhecimento, de respeito, de educação, de coleguismo, de amizade, de amor, e as vezes carente de comida.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a) D.

1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?
Principalmente para ingressar no mercado de trabalho ou por exigência deste.

2- Quais são os motivos o fazem permanecer na escola?
O incentivo dos professores e colegas é essencial, e a vontade de mudar. Muitas vezes eles vêem o EJA como sua “última chance”.

3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?
Muitas vezes o próprio trabalho. As dificuldades e dúvidas não respondidas o que leva a repetência e a evasão.

4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequenta?
Resgatar valores de autoestima, auxiliar e motivar para uma qualidade de vida melhor, o crescimento cultural e a capacidade de modificar sua realidade tendo outra perspectiva para sua vida.

5- Porque tu trabalhas na EJA?
Gosto muito do EJA, é um trabalho diferente. As necessidades dos alunos vão muito além do que somente a aprendizagem dos conteúdos básicos e isso é desafiador e gratificante. Tentar dar e construir esperança, novas idéias e dar o apoio que muitas vezes nunca é dado.

6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?
Alunos com grandes problemas familiares que se refletiram na escola. Angústias, tristezas, preconceitos e abandono que os fizeram desistir ou terem mau comportamento.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a) E.

- 1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?
- 2- Quais são os motivos que o fazem permanecer na escola?
- 3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?
- 4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequenta?
- 5- Porque tu trabalhas na EJA?
- 6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?

Respostas

A conclusão dos estudos (certificação) do ensino fundamental;
Exigência das empresas do certificado;
A evasão escolar;
Distorção de idade e série no diurno que faz com que o jovem procure a EJA;
Espaço social da escola;
A escola como terapia para alguns adultos;
Repetência nos anos/séries no ensino regular.

A vontade de concluir o ensino fundamental por causa do certificado para comprovarem na empresa e continuidade para cursarem o ensino médio;
O espaço de aprendizagem e social que a escola proporciona aos alunos adultos e jovens.
Para as mulheres uma fuga do lar em busca de atividade diferente para preencherem a vida (baixa auto-estima), terapia. Algumas para ensinarem os filhos menores.
Espaço social que a escola favorece aos alunos, amizade, troca de experiências, etc.

O trabalho, tanto para o jovem como para o adulto. Jovem porque quer dinheiro (ter o salário) busca a independência e o adulto as horas extras. As mulheres a faxina na sexta-feira e as manicures. Mudança de endereço, moradia, as separações das famílias, as drogas, etc.

Metodologia de trabalho diferenciada, a valorização dos alunos, o acolhimento pela escola (dos professores e equipe), a comunicação entre escola, alunos e professores, o estímulo para o estudo através de outras visões, a troca de experiências entre jovens e adultos, a inclusão em todos os sentidos.

Porque me identifico com a proposta da EJA, pelo conhecimento e troca de experiências com colegas, equipe e assessoria, e com os alunos, porque aprendo e ensino ao mesmo tempo. Inteligentes, com conhecimentos adquiridos ao logo da vida estudantil e de mundo que precisam ser valorizadas e reavaliadas além dos conteúdos da etapa/ano/série.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a) G.

1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?As necessidades dos alunos são muitas mas principalmente a cobrança em relação ao mercado de trabalho,que exige do aluno mais conhecimento.

2- Quais são os motivos o fazem permanecer na escola?Muitos alunos sentem a escola como um lugar de descobertas ,outros crescem na convivência com os colegas e na tentativa de novos valores desenvolvem um processo de conhecimento para sua vida .

3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?A Escola precisa de atrativos para o aluno,sendo assim desenvolver projetos que estejam mais ligados a sua realidade,porém também devemos ampliar o conhecimento do aluno dando a ele novas chances de aprimorar seu pensamento.

4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a freqüenta?Valorizar o aluno que freqüenta a EJA e consolidar o espaço escolar tornando-o democrático,que reconheça a diversidade.

5- Porque tu trabalhas na EJA?É gratificante ensinar aos alunos da EJA,TAMBÉM APRENDO MUITO COM ALGUNS ALUNOS

6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?Pessoas que muitas vezes são discriminadas por não terem dado certo no turno regular.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a) J.

- 1) Em relação ao retorno dos alunos, no caso de jovens, pode ser por obrigatoriedade; como também, a necessidade (exigências do mercado de trabalho: estágios, cursos), neste caso generalizando o retorno. No que diz respeito ao adulto, penso que a própria necessidade (trabalho), ou por questões de formação (conquista e busca de oportunidades que por motivos aleatórios interferiram na continuidade dos estudos em idade regular.
- 2) A proposta da EJA faz com que o aluno perceba possibilidades de aprendizagem, anteriormente não percebidas e/ou não vivenciadas. Muitas vezes os próprios alunos relatam este diferencial, sentindo-se mais seguros e estimulados a estudarem.
- 3) O afastamento é muito relativo, dependendo do momento do aluno, às vezes são questões profissionais, ou problemas familiares, baixa auto-estima que acaba sendo fator de afastamento, (por não se perceber capaz, sujeito em sua construção). Ou até mesmo, pela proposta pedagógica efetivada no ambiente educativo.
- 4) A configuração da prática pedagógica e avaliativa, a formação do professor da EJA; contribuem para um olhar diferenciado em relação ao processo de aprendizagem do educando (vinculando as vivências do aluno aos conceitos científicos estudados) Desta forma, o educando percebe o sentido do conteúdo, sua aplicabilidade ou vinculação com a realidade; desejando participar, interagir.
- 5) Trabalho na EJA por me identificar com esta proposta, acreditando que o estabelecimento da parceria com o educando proporciona a efetivação da aprendizagem.
- 6) São jovens e adultos que procuram um diferencial, seja no campo dos estudos, seja no âmbito da interação, da valorização (pessoal, profissional), às vezes procuram resgatar o tempo perdido (necessidade, obrigatoriedade), não tem como generalizar cada aluno tem sua história, trazendo consigo uma expectativa em relação à EJA.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio
Professor (a) K.

1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?

Muitos retornam dizendo recuperar o tempo perdido;
Adolescente vem para o Eja por estarem trabalhando durante o dia;
Outros por distorção idade série e muitas repetências no diurno;
Alguns para retornam a estudar para conseguir um emprego e melhorar sua condição de vida;
Outros para concluir o ensino fundamental.

2- Quais são os motivos o fazem permanecer na escola?

O desejo de apreender
Horário das aulas,
O vínculo com o professor, colegas e escola.

3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?

O principal motivo é o trabalho e alguns por problemas pessoais .

4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequenta?

Metodologia de trabalho e olhar diferenciado para estes alunos pois vários alunos tem a auto estima baixa e a Eja mostra que é possível e que esses alunos são capazes.

5- Porque tu trabalhas na EJA?

Desde de que iniciei no município em 2003 estou na Eja e me,identifiquei , já tinha trabalhado com o currículo no diurno, mas gosto da Eja por ser uma metodologia diferenciada .

6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?

Vários adultos são trabalhadores e a maioria dos jovens gosta de estar na escola gostam de tecnologia, alguns tem um bom entendimento da metodologia da Eja e vários jovens trabalham e estudam.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a): L.

- 1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?
- 2- Quais são os motivos que o fazem permanecer na escola?
- 3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?
- 4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequenta?
- 5- Porque tu trabalhas na EJA?
- 6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?

Respostas:

1. Os jovens e adultos na grande maioria retornam a escola para conseguirem o certificado para conseguirem emprego, promoção, concurso público e a minoria para aprender e melhorar a outro estima.
2. Os que permanecem na escola são os que têm convicção do que buscam, pelos laços de amizade, pelo acolhimento na escola e pelos professores que os incentivam e os ajudam a adquirir conhecimentos.
3. O que afasta o jovem da escola é a falta de objetivos e persistência, e os adultos pelos problemas familiares, emprego (horários), a auto-estima baixa, a falta de sensibilidade da escola como um todo em valorizá-los.
4. A EJA oportuniza aos jovens e adultos a oportunidade de prosseguir seus estudos, de formar vínculos de amizade e a sentir-se cidadão inserido na comunidade em que vive.
5. Eu trabalho no EJA porque tenho afinidades com os alunos que vêm à escola como um norte em suas vidas e pela oportunidade que tenho de ajudá-los a ser felizes em suas conquistas.
6. O jovem e adulto com quem trabalho são pessoas extremamente carentes de tudo, de afeto, de auto-estima, de conhecimento, de sociabilidade, de inserção política, econômica, enfim são pessoas que merecem nosso respeito. Temos que lembrar sempre a escola só existe se tiver alunos e nós professores somos muito importantes para eles.
Eu amo minha profissão e meus alunos são muito importantes para minha realização pessoal também.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a): L

- 1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?
- 2- Quais são os motivos que o fazem permanecer na escola?
- 3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?
- 4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequenta?
- 5- Porque tu trabalhas na EJA?
- 6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?

Respostas

- 1) Os jovens retornam seus estudos não por iniciativa própria, a maioria através da imposição da família (conselho tutelar), promotoria e poucos por interesse ou ainda por exigência do serviço. Os adultos seria uma forma de resgatarem sua auto estima...
- 2) Por necessidades profissionais seria a maioria e uma minoria por vontade própria ou gostar realmente de estar na escola.
- 3) O que eles vem buscar não encontram na escola, as necessidades estão bem distante, ou seja nossa prática, metodologia, conteúdos, de alguma maneira não contemplam. Quando falamos que temos que tornar nossas aulas mais significativas, partindo do conhecimento do aluno... Não estamos conseguindo...
- 4) Através de alguns professores conseguimos atingir os alunos da EJA, eles se preocupam realmente com seus alunos, aulas diversificadas, interessantes e realmente consideram o conhecimento do aluno e muitas vezes flexibilizando o conteúdo se necessário. Através de formações, que nos fazem refazer...
- 5) Eu me identifico bem mais com a clientela, por serem adultos. Um espaço mais "tranquilo" e por ainda acreditar em alguns valores da Educação.
- 6) Aluno "tranquilo", agitado, interessado, desinteressado, afetuoso, inquieto, com experiência, sem experiência. É muito bom trabalhar com eles, aprendemos muito mesmo.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a): L

1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?

Os jovens, no meu entendimento, estiveram afastados por pouco tempo e retorna porque tem a necessidade muito mais por uma necessidade de integração social (porque os amigos vão também e eles não querem ficar “de fora” do grupo) ou por uma obrigação legal (menores de idade ou por cumprirem penas). Pouquíssimos vêm em busca de conhecimento. Os que têm este objetivo geralmente são aqueles que já estão de alguma forma inseridos no mundo do trabalho e sentem a necessidade ou a obrigatoriedade (algumas firmas exigem) de estar na escola.

Os adultos retornam por diversos motivos:

- 1º) Necessidade de comprovar a escolaridade, solicitada pelo empregador;
- 2º) Vontade de “recuperar o tempo perdido” como muitos afirmam, em geral mulheres que até o momento tinham se dedicado exclusivamente a família trabalhando em casa ou em algum emprego, e agora, já com os filhos criados, estão olhando um pouco mais para si mesmas;
- 3º) Desejo de crescer na carreira, de melhorar o orçamento familiar com um novo emprego ou com uma promoção;
- 4º) Vontade de prosseguir os estudos, fazendo depois um curso técnico ou faculdade;
- 5º) Assim como os jovens, alguns adultos vêm na escola um espaço para lazer e integração social.
- 6º) Desejo de aprender para poder ajudar os filhos nas atividades solicitadas pela escola.

Devo ter me esquecido de outros fatores, mas acredito que estes têm sido os mais frequentemente citados pelos educandos que por mim passaram.

2- Quais são os motivos o fazem permanecer na escola?

Para os jovens: bom relacionamento com o grupo de colegas e professores, atividades que o motivem a estar na escola desafiando-os.

Para os adultos: bom relacionamento com o grupo de colegas e professores, atividades que o motivem a estar na escola desafiando-os, horário de aula adequado (que dê tempo de chegarem do trabalho ou saírem para ele), flexibilidade de cronograma para execução e entrega de atividade, objetividade nas atividades desenvolvidas (por esta razão preferem a EJA, pois é possível agilizar a conclusão dos estudos), conteúdo adequado a sua faixa etária, grupo de idade semelhante a sua.

3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?

Alguns jovens desistem, pois não aceitam os limites que a escola impõe e que devem ser respeitados, e pelos quais eles são constantemente cobrados: cumprimento de horários, entrega de atividades, permanência em sala de aula, respeito aos colegas, professores e funcionários da escola. A maioria desiste por falta de motivação interna e por falta de desafios. Os adultos desistem por falta de apoio familiar, por exigências do trabalho, para cuidar da sua saúde ou de familiar, por falta de motivação interna (alguns não são persistentes quando chega o inverno), por desentendimentos dentro do grupo de colegas ou com professores, auto-estima baixa (muitos acreditam que não vão conseguir acompanhar já no começo do ano e logo desistem)

4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequenta?

A possibilidade de ampliar sua visão de mundo, de viver novas experiências de autoconhecimento, de ampliar sua rede de relações, conhecer novos espaços e se permitir frequentá-los. A possibilidade de desenvolver autonomia e criticidade, e não menos importante é a possibilidade de concluir os estudos com mais brevidade e dar continuidade a sua vida escolar.

5- Porque tu trabalhas na EJA? Porque me identifico com a faixa etária atendida pela EJA.

Sinto-me mais competente dialogando com adolescentes e adultos do que com crianças. Gosto da flexibilidade do trabalho, com a possibilidade de criar novas estratégias para os educandos aprendam. Acho o ensino do fundamental regular muito engessado, ainda muito descompassado do seu tempo.

6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?

Atualmente só estou trabalhando com adultos, mas acredito que todos os que chegam na EJA devem ser olhados com um olhar especial, e devem ser ouvidos e conhecidos pelo educador. Não é possível trabalhar na EJA sem conhecer efetivamente o educando, e saber de suas possibilidades e limitações. Saber do que o motiva ou aborrece.

Deveria ser assim com todos, inclusive com os do diurno, porém na atual organização curricular é praticamente impossível.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a): L

- 1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?
Inserção ou permanência no mercado de trabalho, ajudar os filhos e realização do sonho em concluir a educação básica.
- 2- Quais são os motivos o fazem permanecer na escola?
Currículo e metodologia que leve em consideração o que já sabem, pois valoriza-os e faz sentirem-se atores do processo ensino e aprendizagem, bem como respeito, conclusão em menor tempo e imediatismo.
- 3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?
Não terem clareza dos objetivos dos conteúdos, pois estes educandos buscam aplicabilidade aos saberes em estudo e o desrespeito a sua capacidade, posicionamento crítico perante as discussões, indisciplina dos colegas e metodologia inadequada.
- 4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequênta?
Qualificação para o mercado de trabalho, ampliação dos horizontes e vivências, crescimento pessoal e melhora na auto-estima.
- 5- Porque tu trabalhas na EJA?
Por que gosto, me realizo profissionalmente, acredito que consigo construir com eles uma nova visão de mundo, novas perspectivas de vida e ainda aprender muito. Na EJA o crescimento cognitivo, pessoal e até profissional é muito mais visível, é mais dinâmico pois estes educandos buscam justamente recuperar o tempo perdido.
- 6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?
Educandos que foram excluídos dos bancos escolares por situações variadas que vão desde a desestruturação familiar até a “falência” do sistema educacional regular, excluídos ainda da sociedade e do mercado de trabalho. Sobreviventes de um sistema capitalista que julga pela aparência, opção sexual, classe social, religião, etc... Pessoas que muitas vezes não tem perspectiva nenhuma de melhoria na qualidade de sua vida e de sua família, enfim seres humanos tomados por sua condição de insucesso. Porém, ao longo do processo é nítida a transformação, a auto confiança e a vontade de vencer e isto é que gratifica, que faz valer a pena.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a): M

1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?
A exigência de emprego cada vez mais apurada tenciona para que os mesmos procurem concluir sua escolarização.

2- Quais são os motivos o fazem permanecer na escola?
Pela experiência que tive este ano, permaneceram na escola os que conseguiram estabelecer vínculos de confiança e afetividade, antes mesmo de pensar em aquisição de conhecimento, o que foi consequência.

3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?
O jovem se afasta da escola por desinteresse, o não se “dar conta” da devida importância da aquisição de conhecimento para a vida, o cumprimento de regras, ter disciplina, e não dá pra deixar de mencionar o fato de alguns serem usuários de algum tipo de entorpecentes, o que causa irritabilidade tirando-os do espaço escolar.

4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequenta?
A possibilidade de interagir com os profissionais da educação e com o conhecimento já é um ponto importante, mas junto com isso vem todo o conhecimento prévio que o aluno trás, suas experiências e que, quando são aproveitadas, contribui grandemente no crescimento dos alunos.

5- Porque tu trabalhas na EJA?
Fui para a EJA por ocasião de não ter opção de turno devido ao fato de assumir Cargo de Confiança na Orientação Educacional no Município de Canoas. Agora vejo que é um trabalho muito diferente do ensino regular, numa modalidade que oferece diversas oportunidades de abordagem dos conteúdos a serem trabalhados bem como na lida com os alunos que passam a ser autores de sua própria aprendizagem.

6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?
Observando as duas turmas as quais trabalhei este ano, vejo adolescentes que fracassaram muito, ou ao menos se sentem assim. A Escola de um modo geral foi “castrando” seus desejos, suas idéias, suas vontades, suas habilidades, seus sonhos... Mas não só a escola, a sociedade, a vida. Esta castração leva consigo a confiança em si próprio, a auto-estima, a possibilidade, a expectativa... Eles vêm para a EJA com um único objetivo: provar a si mesmo e a seus responsáveis que são capazes!
A modalidade do programa Integrar tornou isso possível em um ano, e foi um ano de ações intensivas de convencimento e comprovação que SIM, são capazes!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a): M

- 1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?
Os alunos da EJA, adolescentes em sua maioria, querem terminar logo os estudos, na busca de oportunidades de empregos melhores. Essa pra mim é o principal motivo de retornarem os estudos.
Já alguns adolescentes ou adultos jovens, precisariam de um ensino diferente, pois neste modelo atual, ultrapassado eles não aceitam, não querem, existe uma forte resistência por parte deles, eu sei porque eu passo por isso muitas vezes.
Para os alunos adultos que tive oportunidade de conhecer, eles retornam pela exigência do emprego, porém, muitos deles desistem novamente, pela contradição de não possuir horário fixo no emprego, ou seja, estudar querem, mas a prioridade, infelizmente é o emprego.
- 2- Quais são os motivos o fazem permanecer na escola?
Permanecem na EJA por acreditarem que não existe outra opção em aprender sem ir a escola . Muitos não desistem por causa do ambiente social e cultural(amigos, conhecimento, janta,) que a escola oferece.
- 3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?
Já presenciei alunos dizerem que não iriam mais a escola por causa da falta de respeito dos mais jovens, principalmente, entre eles e professores.
Na minha pesquisa, a maioria dos alunos, se afastam por causa das relações (conflitos) entre os colegas. O adulto não tem paciência com os mais jovens, e o jovens não tem limites. Muitos trabalham, e que por falta de motivação e cansaço, se afastam.
- 4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a freqüenta?
- Trocas de conhecimento,
- oportunidade pra pesquisar
- as relações entre aluno-professor-equipe, de modo geral contribui para o jovem crescer como pessoa.
- 5- Porque tu trabalhas na EJA?
Por que eu gosto, acredito na EJA, cresci muito trabalhando com alunos diferenciados, mesmo tendo conflitos, penso que posso dar muito do meu conhecimento e tenho muito que aprender tbm.
- 6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?
Maior parte dos nossos alunos possuem baixa auto-estima, infelizmente, muitos são trabalhadores,possuem filhos, não almejam algo mais que isso, mas esses querem aprender mais e mais.
Os adolescentes querem aprender mas da maneira que não precisassem estudar, estudar, ter que ler, calcular, se torna muito chato se agente não entende. Teriamos que ensinar eles a importância de estudar mais, porém ensiná-los a estudar de forma que entendam.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a): P

- 1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?
Acredito que a escola é vista como a última oportunidade que eles, tanto crescimento pessoal como profissional, isto para o adulto. Quanto aos jovens vejo que a EJA é o último caminho para oportunizá-los a conclusão dos estudos que de uma forma ou de outra lhes foi retirada.
- 2- Quais são os motivos o fazem permanecer na escola?
Uma pedagogia voltada pela inclusão, aonde o professor acredite que é possível.
- 3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?
Uma pedagogia voltada pela inclusão na teoria e não na prática.
- 4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequenta? Aprimoração dos estudos e possibilidade de conclusão do ensino fundamental.
- 5- Porque tu trabalhas na EJA?
É na EJA que me vejo como professor na integra mesmo que não tenha a possibilidade de exercer totalmente.
- 6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?
Jovem cada vez mais jovem, inúmeras repetições...adulto minoria, como deveria de ser realmente, com suas características e sonhos específicos.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a): R

Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?

PERCEBO DIFERENTES SITUAÇÕES:

1. JOVENS UMA BOA PARTE DELES JÁ ESTUDAM NO DIURNO DA NOSSA REDE OU DE OUTRA REDE, APÓS COMPLETAREM 15 ANOS MIGRAM PARA EJA.

2. OUTROS JOVENS PELO FATO DE ESTAR EM UMA CONDIÇÃO DE DISTORÇÃO DE IDADE X SÉRIE, COM MUITAS REPETÊNCIAS, BUSCAM A EJA. NESTA MESMA SITUAÇÃO, EM FUNÇÃO DA IDADE, PROCURAM TRABALHO NO DIURNO.

3. PARTICULARMENTE, NA TOTALIDADE 4, NÃO PERCEBO UMA EUFORIA, NA GRANDE MAIORIA, UMA BUSCA PRINCIPAL MELHORAR AS CONDIÇÕES PARA EMPREGO, FALAM, MAS TAMBÉM DESISTEM COM FACILIDADE. POR EXEMPLO, NO ATO DA MATRÍCULA O PRINCIPAL É PEDIR UM ATESTADO PARA TRABALHO, DEPOIS NÃO TEM O MESMO INTESSE EM MANTER A VAGA E NA APRENDIZAGEM PARA CONTINUAR SEUS ESTUDOS.

OBS.: QUANDO CHEGAM NA T6, JÁ MUDA, PENSAM EM PROSSEGUIR COM ESTUDOS E NO TRABALHO.

4. OS ADULTOS DA INICIAL É PRATICAMENTE A ALFABETIZAÇÃO E MELHORAR SENTIR-SE VALORIZADOS COM PESSOAS. OS HOMENS GERALMENTE EM FUNÇÃO DO EMPREGO.

5. OS ADULTOS DAS OUTRAS TOTALIDADES O EMPREGO, PARA MELHORAR A CONDIÇÃO OU EXIGÊNCIA PARA MANTER.

2- Quais são os motivos o fazem permanecer na escola?

DESTACO A ORDEM DE PRIORIDADES:

1. O VÍNCULO COM A ESCOLA
2. VÍNCULO COM OS PROFESSORES
3. A METODOLOGIA DE TRABALHO

3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?

PROBLEMAS PESSOAIS QUE MUITAS VEZES DESCONHECEMOS E O FOCO PRINCIPAL É TRABALHO, POR DIFERENTES MOTIVOS.

4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequenta?

1. MOSTRAR PARA ELES QUE SÃO CAPAZES, TEM DIREITOS E QUE ESTE É UM ESPAÇO IMPORTANTE!

2. MUITOS NÃO ACREDITAM NELES, A EJA PROPORCIONAM MOSTRAR AS POSSIBILIDADES. PENSO QUE, EM NOSSA ESCOLA, PELO MENOS, TENTAMOS EXECUTAR UM TRABALHO INDIVIDUALIZADO. SÃO SITUAÇÕES DIVERSAS. ÀS VEZES FALTA PERNAS E RECURSOS HUMANOS, PARA QUALIFICAR ESTE PROJETO.

5- Porque tu trabalhas na EJA?

TENHO UMA IDENTIFICAÇÃO DESDE A MINHA FORMAÇÃO NOS ANOS 80/90. FUI ALFABETIZADORA DE ADULTOS DOS FUNCIONÁRIOS DA INSTITUIÇÃO QUE ESTUDAVA. E NA OCASIÃO, MONTAMOS UMA ESCOLA DE 1º GRAU, NA ÉPOCA UMA INDÚSTRIA DE GRANDE PORTE, DE PORTO ALEGRE, PARA TODOS OS FUNCIONÁRIOS. SOU MOTIVADA ATÉ ENTÃO PELA EJA, POR ACREDITAR NESTE TRABALHO. PENSO QUE HOJE É MAIS PARA JOVENS E OS POUCOS ADULTOS QUE TEMOS, MUITOS TEM UM COMPORTAMENTO JUVENILIZADO.

6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?

QUANDO SÃO IDENTIFICADOS PELA LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA, OS OUTROS ACHAM QUE SÃO MARGINAIS. CLARO QUE TEMOS CASOS DIFÍCEIS, MAS PARA MIM SÃO ALUNOS, MEU INTERESSE EM SABER HISTÓRICO É PARA AJUDAR ENTENDER E MELHORAR NOSSA PRÁTICA, QUEM TEM QUE MUDAR SOMOS NÓS "EDUCADORES". NOSSOS ALUNOS "SABEM" MUITO, CLARO QUE ALGUNS CONCEITOS DIFERENTES DOS NOSSOS. NO ENTANTO, A MAIORIA É JOVEM, GOSTAM DA TECNOLOGIA, E TÊM ENTENDIMENTO COMO OS ALUNOS DOS GRANDES CENTROS. OS ACESSOS SÃO MAIS RESTRITOS, PORÉM, POSSUEM CONHECIMENTO. TAMBÉM UMA BOA PARTE DELES SÃO TRABALHADORES.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a) R.

- 1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?
Procuram a escola por vários motivos segundo eles. Alguns por determinação do MP, outros por determinação familiar e outros porque buscam na escola a possibilidade de melhorar a sua condição de vida.
- 2- Quais são os motivos o fazem permanecer na escola?
Independente do motivo do seu ingresso na escola quando encontram nela acolhida e se sentem pertencentes a ela a chance de permanecerem aumenta.
- 3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?
O cansaço do dia e outras adversidades da sua vida em conjunto com a desmotivação de permanecer na escola podem contribuir com o seu eventual afastamento.
- 4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequenta?

Possibilidade de mudar a sua condição de vida.
- 5- Porque tu trabalhas na EJA?
Sendo verdadeiro trabalho na EJA para complementar o salário, mas com certeza também porque encontramos no aluno da EJA uma vontade de aprender e uma valorização profissional que nos alimenta a continuar mesmo com 60h.
- 6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?
Batalhador assim como nós professores.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a): S

1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?

Acredito que a pressão do mercado de trabalho obriga o adulto voltar a estudar, mas os jovens penso que seja o sonho, a necessidade de “algo mais” do que vivem e que ao mesmo tempo são desafiados pela estrutura, pelo “sistema”. Como eles dizem: “voltei pra ser alguém na vida. Quero ter meu dinheiro sem me matar trabalhando... o canudo é me manda...”

2- Quais são os motivos o fazem permanecer na escola? Quando permanecem é pq se sentem desafiados, pq são valorizados e não “coisificados ou coitadinhos”

3- O que afasta o jovem e o adulto da escola? O não fazer nada. Ele gosta de trabalho, de aula, de cobrança. Precisa sentir que alguém esta avaliando o que faz, que não é qualquer coisa que satisfaz, que ele pode mais...Mas tudo isso com muito respeito e autoridade profissional (não autoritarismo e muito menos com arrogância)

4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequenta? A maturidade é percebível nos adolescentes, a busca por mais desafios tb,mas principalmente a autoestima, saber que pode, que os anos de reprovação não se referem a “burrice”, coisa de família”, situação social ou econômica...e enfim ...a certificação que é o que todos nós procuramos qdo estamos estudando, porque para eles seria diferente?

5- Porque tu trabalhas na EJA? Porque acredito que pode ser diferente do que é. Porque profº de EJA tem que querer trabalhar com EJA e não só ajeitar a vida pessoal, carga horária etc. Estudo sempre, me atualizo, pesquiso... mas reproduzir o ensino regular é o que mais vejo. Me frustra mas trabalho para ver se alguma “sementinha brota”, se faço diferença não sei, se faço certo ou errado Tb não sei, mas sei que faço o q acredito. Adoro o que faço e me realizo trabalhando com EJA.

6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?

Carente de respeito, frágil e por isso se defende de forma agressiva ou agride por não agüentar ser agredido (muito filosófico, mas real). Intolerantes uns com os outros, mas tremendamente “amigos” quando precisam se ajudar “numa pior”. Não estudam em casa em hipótese alguma pq “não são cdf”, então qualquer trabalho ou estudo dirigido tem que ser na sala. Espaços alternativos geram descaso no início – “hoje é só isso” (bienio), (feira do livro)- “Vou só pra beber...”- depois ganham o respeito deles e passam a valorizar o que agora conhecem... E o autor presente foi um sucesso...conseguiram ler um livro...estão saudosos pq estão acabando o ano e não estudarão mais aqui...enfim pessoas que sentirei falta e que me ensinaram muito sobre “ser humano”.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE**

Pesquisadora: Liége Teixeira

Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a): S

1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?

São muitos, mas deles é acabar o ensino fundamental e outro porque os pais desejam.

2- Quais são os motivos que fazem permanecer na escola?

Acredito que muitos alunos permanecem na escola porque desejam estudar e dar continuidade aos estudos. Porém há os que permanecem na escola porque gostam e sabem que ela oferece coisas que são significativas para eles, como por exemplo: bons professores, organização, amigos, entre outras.

3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?

Eu acho que o que mais afasta é o desinteresse deles e da própria família que não os apoia o suficiente e pouco se importa com seu jovem. Isso é muito triste. Precisamos trazer a família para dentro da escola e mostrar tudo o que ela pode oferecer e solicitar a parceria. Acredito que isso seria o ideal.

4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequenta?

Acredito que a EJA oferece o necessário para que o aluno possa sair diferente de quando entrou, porém acho que pode oferecer mais. |Como? Temos que pensar juntos!

5- Porque tu trabalhas na EJA?

As vezes na vida temos que tomar decisões que possam nos dar significado. Eu quis retornar para a EJA por necessidade, mas também porque me sinto bem trabalhando com este público.

6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?

O adulto como sendo aquele aluno que busca a continuidade dos estudos e o aperfeiçoamento e dar significado a isto.

O adolescente como aquele jovem que busca acabar os anos finais como também procurar fazer amigos ou simplesmente fazer a matrícula e desaparecer como muitos fazem.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS
E EDUCAÇÃO DE PRIVADOS DE LIBERDADE

Pesquisadora: Liége Teixeira
Endereço eletrônico: liegeeeja@gmail.com

Entrevista com professores que atuam na Modalidade EJA da Rede Municipal de Esteio

Professor (a): S

1- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto retornarem para a escola?

A maioria dos jovens percebem que já perderam muito tempo e também tomaram consciência que os estudos são importante para garantir um melhor futuro... A pessoa adulta, a maioria das vezes eles nos contam que para melhorar o salário, subir de cargo ou até mesmo se manter naquele emprego eles precisam estudar mais...

2- Quais são os motivos que fazem o jovem e o adulto permanecerem na escola?

Em primeiro lugar, acredito que é aquele motivo que ele buscou a escola... depois, existe mais o aconchego por parte dos professores e equipe diretiva na preocupação de conhecer melhor o aluno que está ao teu lado....

3- O que afasta o jovem e o adulto da escola?

Pelo o quê eu converso com meus alunos, e percebo, uns dos motivos para afastamento são: um emprego novo, que não é compatível com o horário das aulas, cuidar de irmãos porque os pais chegam tarde do trabalho, as drogas, mais o desinteresse...

4- Quais são as contribuições que a EJA oferece para o jovem e o adulto que a frequênta?

O conhecimento, a convivência, amparo..., a necessidade de um certificado de conclusão,... também a alimentação para certos alunos, faz a diferença.

5- Porque tu trabalhas na EJA?

Adoro trabalhar na EJA, por me sentir mais útil na sociedade, porque sei que são alunos que necessitam uma maior atenção, uns por terem grandes dificuldades e outros por serem alunos sem direção...não tiveram um pai ou mãe que transmitissem normas...regras...cuidados...carinho...preocupações com seus filhos...muitos deles se sentem desamparados...me contam coisas de suas vidas, que eu chego pensar: Como este aluno ainda encontra forças para vir as aulas?... Dou o máximo de mim para ajudar, tento passar para os estes alunos, o mesmo que transmito aos meus filhos... conversando muito, entendendo suas dificuldades, suas rebeldias, seus desinteresses.....tendo em fim, um olhar diferenciado para cada aluno no momento de suas avaliações...

6- Como tu caracterizas o jovem e o adulto com o qual tu trabalhas?

Já respondi na questão anterior...